

Hymno Nacional Brasileiro

REVISTA DE ENSINO

da Escola Normal, Complementar e Grupos Escolares

ORGAM

DA

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL

NUMERO 6



SAO PAULO

TYP. A VAPOR HENNIES IRMÃOS — RUA DO RIACHUELO NS. 14 E 16

1906

ACADEMIA DE EDUCAÇÃO - USP
BIBLIOTECA MACEDO SOARES

REVISTA DE ENSINO
ORGÃO
DA
ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa á *Revista d Ensino* deverá ser dirigida ao seu redactor-secretario—**Augusto R. de Carvalho**—ou ao presidente da Associação, á rua *Sancta Thereza*, n. 28.

CAIXA DO CORREIO, 183

PUBLICAÇÃO BI-MENSAL

NÚMERO 6

1907

SÃO PAULO
IMP. A. VANDER HERTER, D. 111, RUA DE RIBACÃO, 111, N. 111
1.907

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - USP
BIBLIOTECA MACEDO SOARES

Hymno Nacional Brasileiro

DE

FRANCISCO MANOEL DA SILVA

PARA USO

da Escola Normal, Complementar e Grupos Escolares

HYMNO

A

REPUBLICA

Àve, Patria! Surge agora
Ensinando a Lei sublime,
Que a Justiça revigora
E Fraternidade exprime.

Ó Colombo! Teu invento
É um sólo vasto e fecundo:
Não tem o throno um assento
Nas plagas do Novo Mundo!

À Republica alterosa
Será paz, alento e gloria,
Nação possante e grandiosa,
Uma epopeia na Historia!

Dr. A. A. da Costa Carvalho

Duprat & C. — Rua Direita, 141 — São Paulo

BIBLIOTECA MACEDO SOARES

HIMNO NACIONAL BRAZILEIRO

DE
FRANCISCO MANOEL DA SILVA

PARA USO
DA ESCOLA NORMAL, COMPLEMENTAR E GRUPOS ESCOLARES
(Para piano e canto)

Poesia: dr. A. A da Costa Carvalho

Arranjo de um amator

Majestoso

PIANO

1) Ao soar esta primeira nota, devem os alumnos levantar-se, respeitosamente.

Tempo de marcha

A-ve, Pa - tria! Sur - gea - go - - ra En - si - nan - doa Lei su -

- bli - me, - A - ve, Pa - tria! Sur - gea - - go - - ra En - si -

- nan - doa Lei su - bli - me, Quea Jus - ti - ça re - vi -

- go - ra E Fra - ter - ni - da - de ex - pri - me Quea Jus - ti - ça re - vi -

- go - ra E Fra - ter - ni - da - de ex - pri - me .

Ó Co - lom - bo! Teu in - ven - - to Eum so - lo vas - toe fe -

- cun - do: Não tem o thro - noum as - sen - - to Nas

pla - gas do No - vo Mun - do! A Re - pu - bli - caal - te -

-ro - - sa Se - rá paz, a - len - toe glo - - ria, Na-ção pos-

-an - tee gran - dio - - sa pos - san-tee gran-dio - sa U-mae-po-

-pei - a naHis - to - ria! U-mae-po-pei - a naHis -

-to - - ria!

De quem a culpa?

S. Paulo, maio de 1906.

II

No tempo do Imperio, em 1887, sendo presidente da Provincia o sr. Barão de Parnahyba e secretario o sr. dr. Estevam Leão Bourroul—a Assembleia Legislativa Provincial houve por bem decretar a *Lei n. 87.* de seis de abril, reformando a instrucção popular.

O *Art. 71* dessa *Lei* dividia a instrucção primaria, nas escolas publicas da Provincia, em *tres grãos* apropriados á idade e ao desenvolvimento intellectual dos alumnos.

Cada professor, á proporção que as creanças se iam aprofundando nos conhecimentos, repartia a escola ou classe nos grãos da *Lei*, seguindo o programma estabelecido.

Muitos, porém, attendendo ao atrazo e ao estacionamento do pequeno estudantinho e á pouca facilidade na assimilação das noções—raras vezes tinham a ventura de vêr o discipulo integralizar seus estudos elementares.

Não havia, como hoje, grupos escolares, em que cada professor se responsabilisava por uma turma, ministrando-lhe conhecimentos collectivamente.

A classe de hoje, no grupo escolar, é um dos mais efficazes melhoramentos, por ser uma applicação do principio da divisão do trabalho e especialisação das funcções.

Os grupos escolares actuaes, como as escolas do passado regimen estão transformados em simples escolas primarias, a despeito do muito que com elles o governo despende.

Gastar tanto para apenas ensinar a *ler, escrever e contar!*...

Hontem, completando os estudos de primeiro grão, a creança podia ser promovida ao segundo e dahi ao terceiro.

Hoje, terminando o curso dos grupos escolares, ficam os alumnos a vêr navios; têm verdadeiro diploma de despejo sellado com cinco mil réis, porque lhes falta uma escola de grão immediatamento superior, em que concluam os seus estudos.

— Mas—gritariam logo os sabios da escriptura—para que serve então a escola complementar?

O curso complementar foi, não ha duvida, creado como sequencia natural e necessaria do curso preliminar: as escolas complementares — actualmente em numero de cinco para uma população de quasi tres milhões de almas—foram estabelecidas para os alumnos, nellas, integralisarem os seus estudos.

Veiu o curso complementar substituir as escolas de segundo grão e de terceiro, de que se occupa o *Art. 71* da citada *Lei de 1887*.

Mas é esse, presentemente, o papel das escolas complementares?

Não, positivamente. Toda a gente sabe que essas escolas são hoje profissionaes, isto é, fórmam professores.

Além de sobrecarregar o seu corpo docente de arduos trabalhos, levando-o a pedir licença por esalfamento cerebral — por *surmenage* como se diria na bella lingua de Gréard — a escola complementar, diplomando, annualmente, cinco levas de candidatos ás cadeiras não providas — veiu baatear o salario, *pelo excesso da producção* e fazer concorrência á escola normal.

E, para a concorrência ser mais chegadinha e absurda, intercalaram uma escola profissional dentro de outra: ha uma escola complementar dentro da escola normal!

Onde se viu uma escola profissional dentro de outra, a fazer-lhe concorrência, coexistindo sob o mesmo tecto?!

Só mesmo em S. Paulo ou na cachola dos legisladores e pedagogos de meia tigela.

A escola complementar, como a estabeleceu a *Lei n. 88*, era uma instituição em nentemente popular como complemento das escolas preliminares.

Ambas fórmavam um todo, um systema de ensino homogeneo, sem nenhuma separação intermediaria.

Si não ha verba, si o orçamento da instrucção publica mal chega para o custeio dos estabelecimentos de ensino primario em funcionam-ento — para que outros cursos profissionaes, isto é, que fórmem profes-sores, além da Escola Normal? De que vale um diploma, si não ha verba, para remunerar o trabalho dos novos professores? Basta, para o preparo de bons me: tres, a Escola Normal e que voltem as escolas complementares a desempenhar o papel, que lhes traçou a revogada Lei.

QUESTOES GERAES

O Programma nos Grupos Escolares

Não proseguiremos na analyse e apreciação do programma de ensino actualmente em pratica nos grupos, porque tudo quanto temos dicto sobre tal assumpto é mais que sufficiente para demonstrar que, talvez por circumstancias independentes de sua vontade, os seus auctores foram infelicissimos. Basta uma rapida leitura desse trabalho pedagogico para uma pessoa imparcial chegar á conclusão de que nelle os diversos estudos não se concatenam logicamente, concorrendo para o desenvolvimento methodico, salutar, racional e razoavel, das faculdades intellectuaes dos alumnos.

Ha nelle incongruencias que á primeira vista se descobrem; disciplí-nas, cujo apprendizado apenas se inicia, abandonando-se por completo o que ellas possuem de mais valor e alcance pratico; o prurido de especificar e exemplificar processos de ensino, incompativeis com o objecto de um programma de tal natureza, que só deve enumerar as materias a leccionar e o *quantum* de cada uma; a constante preocupação de incluir nos quatro annos a que reduziram o curso dos grupos a instrucção complementar e a preliminar, preocupação que bem mostra ter predominado no espirito de seus organisadores a necessidade de tornar, entre nós, uma realidade o ensino integral, ficando, além disso, sacrificada a propria instrucção primaria

com a exigencia de transmittirem professores aos educandos noções menos do que elementares de sciencias e artes.

Em taes condições, a unica vantagem do ensino nos grupos é a applicação do principio da divisão do trabalho, que nelles occasiona a ordem e a proficua organização das classes, de par com o conforto que os alumnos encontram em predios construidos ou especialmente adaptados a esses institutos de educação popular.

Mas o governo pôde e os deve aproveitar melhor, estabelecendo em cada grupo o ensino preliminar, curso de tres annos, tres professoras, programma constituido pelas seguintes materias: leitura elementar, corrente e expressiva e exercicio de interpretação; escripta, inclusive a calligraphia; arithmetica — quatro operações sobre inteiros, ideia geral de fracções ordinarias e sua representação por escripto; licções de coisas, desenho elementar e canto por audição; e o ensino complementar, curso de quatro annos, tres professores para a secção masculina, tres para a feminina, programma constituido por estas materias:

1.º ANNO

Portuguez, arithmetica até proporções e suas applicações, inclusive; algebra até equações do primeiro grão e problemas, inclusive;

2.º ANNO

Generalidades da geometria, applicações; geographia geral e do Brasil; cosmographia;

3.º ANNO

Noções de physica, chimica, botânica, zoologia e physiologia;

4.º ANNO

Historia geral e do Brasil, noções de economia política e instrucção cívica.

O curso preliminar poderia funcionar das nove e meia da manhã a uma hora da tarde e o complementar, de uma ás cinco horas da tarde.

Actualmente, ha em cada grupo dez professores; com esta modificação, a despesa a mais seria com um auxiliar por cada director, continuando o ensino da musica, desenho e gymnastica a ser feito por professores contractados, devendo, porém, estender-se aos quatro annos do curso complementar.

O diploma dos grupos dará direito á matricula na Escola Normal e em outras profissionaes do Estado, exigindo-se que o candidato apenas se sujeite a exame da materia que faltar aos preparatorios considerados como imprescindiveis nesta ou naquella profissão.

Isto por ora. Mais tarde o programma complementar poderá ser ampliado, equiparando-se os grupos aos gymnasios.

A pratica tem demonstrado que o tal systema de *promoções em segredo de justiça* não produz resultados satisfactorios; mais acertado será aproveitar as médias das notas obtidas durante o anno para a selecção dos que terão de submeter-se aos exames finais, perante commissões examinadoras constituídas de professores dos respectivos estabelecimentos de ensino e pessoas idoneas nomeadas pelo governo.

A actual organização do ensino publico, em S. Paulo, não subsistirá por muito tempo: a queixa é geral. Os paes enfrentam difficuldades para muitos insuperaveis, quando precisam de cuidar da educação dos seus

filhos. Os mais felizes, que conseguem logares nos grupos, ficam atônitos, si entendem, como geralmente acontece, que elles devem continuar depois seus estudos, por isso que até então não foram além do lêr, escrever e contar. Só existe o recurso dos gymnasios, que se mantêm á custa da contribuição dos estudantes e esses mesmos são muito poucos.

A refôrma que propomos é das que se impõem por si mesmas, porquanto não acarreta despezas que as condições economicas e financeiras do Estado não possam satisfazer. Demais, é evidente que, uma vez em pratica, muito se elevará o numero de alumnos que frequentam os grupos, attendendo-se desse modo á reclamação dos que allegam existirem por ali milhares de creanças privadas dos beneficios da instrucção.

E para que ha de o povo gastar tanto dinheiro com magnificos predios, alguns dos quaes lhe custam um conto de réis por mez, fóra o que se empregou em trabalhos de adaptações, mais professores, directores, porteiros, serventes, etc., não logrando no emtanto obter para seus filhos mais do que noções elementarissimas?

Não hesite o sr. presidente do Estado nem o sr. secretario do interior. Firmados nas disposições legislativas que auctorizam o governo a legislar em materia de programas de ensino, façam resolutamente essa modificação no ensino ministrado nos grupos, que com ella todos lucrarão—governantes, governados, professores e alumnos.

A. B.

NOTA.—As lições de coisas poderão, no curso preliminar, ter por objecto os seguintes assumptos.

Côres.—Distincção das côres. Côres primitivas.—Côres compostas.

Fôrmas.—Linha recta, curva, pontuada, sinuosa, perpendicular e obliqua.—Parallelas.—Angulos.—Triangulos, polygonos. Superficies: triangular, rectangular, hexagonal, circular.—Cylindro, cone, pyramide e esphera.

Numeros.—Ideia dos numeros representados por livros, pennas, taboinhas, bolas, etc.. Ideia das unidades compostas, representando-as por linhas ou outros objectos.—As quatro operações sobre inteiros feitas por meio de numeros concretos.—Noção das fracções pelos mesmos processos intuitivos.

Dimensões.—Objectos da mesma especie e grandezas desiguaes.—Comparação destes objectos e necessidade de uma medida commum.—Comprimento, largura, espessura, profundidade e altura.—Unidade de comprimento, de superficie, de volume. Mostrar que qualquer coisa pôde ser unidade quando referida a outras da mesma especie.

Peso.—Comparação de objectos de pesos differentes.—Relação entre o peso e o volume.—Unidade de peso.

Som. Sons diversos: do sino, do tambôr, do trovão, etc.. Sons agudos e graves.—Sons musicaes.—O canto dos passarinhos.—A voz humana.—O grito dos animaes.—Comparação entre a velocidade do som e a da luz.

O ar.—Correntes aereas e suas denominações conforme são mais ou menos velozes.—Meteoros luminosos e electricos.

A agua.—Tres estados: solido, liquido, gasoso.—Evaporação, formação das nuvens e sua resolução.

Geographia.—Posições dos objectos.—Os pontos cardeaes e semicardeaes.—O pateo do recreio.—O quarteirão da escola.—Esboços de pequenos mappas, representando os objectos mais salientes ou que

mais impressionem, existentes na sala da aula, no pateo do recreio; esboços representando rios, montanhas, campinas, chacaras, etc., já observados pelo alumno.—Globo. Fôrma e movimentos da Terra.—Os continentes.—O mar.—Medida do tempo.

Plantas.—Raiz, caule, folhas, frutos, sementes, partes principaes da flôr.

Animaes.—Animaes domesticos.—Animaes selvagens. Vertebrados e invertebrados. Mammiferos, passaros, insectos, peixes, répteis mais conhecidos.

O corpo humano.—Tronco, os membros superiores e os inferiores.—Cabeça.—Organ dos sentidos.—Espaduas, braço, antebraço, phalanges, articulações, femur, perna, rotulas, artelhos, pés, clavículas, costellas, esterno, thorax.

Ensino moral.—Consistirá em desenvolver o senso moral e os sentimentos altruistas dos alumnos, fazendo-os discernir o bem do mal, o justo do injusto, a equidade da iniquidade, e comprehender o respeito que devem aos paes e aos superiores, a dedicação aos fracos, a probidade, a amizade, etc., por meio de contos, narrações e factos que occurram.

Observações.—Não é de rigor considerar inalteravel a ordem e o *quantum* das materias acima indicadas. O professor deverá preferir os factos mais opportunos e que mais intensamente impressionam o educando.

A. B.

PEDAGOGIA PRÁTICA

Notas de Portuguez

MORPHOLOGIA GERAL E PORTUGUEZA

O Substantivo: seu papel principal; sua extensão ás qualidades; quaes os que apparecem primeiro: os proprios ou os communs? — Os nomes de mineraes. — Que designa o apparecimento do nome abstracto e porque apparece? — Os patronymicos. — GENERO, sua razão natural; dos nomes de coisas inanimadas: explicação do facto; applicação philosophica: fetichismo na linguagem. — NUMERO, sua razão de ser; — sua expressão: modificações na palavra; palavra separada; repetição da palavra. — As terminações. — O dual. — Nomes que não têm plural: os proprios, os abstractos, ás vezes, etc., que não têm singular. — O collectivo — pluralidade na significação. — GRÁOS: seu valor logico.

III

E' incontestavel que o papel principal do substantivo é classificar os nomes de pessôas, animaes e coisas reaes. Entretanto, é sabido que os adjectivos, as coisas abstractas, os nomes de verbos, etc., muita vez se acolhem cautelosamente á sombra bemfazeja da palavra adoptada para designar substancias.

Os antigos davam um mesmo nome a muitas coisas. E' logico, portanto, terem os nomes communs surgido na linguagem antes dos substantivos proprios. E ainda, no estado actual da linguagem, acreditamos serem os nomes proprios coisas méramente arbitrarias, porquanto não raramente observamos nomes classificados como proprios designarem multiplicidades de coisas. E', pois, uma simples convenção a theoria dos nomes proprios.

Scientificamente falando, unicamente os PRENOMES pôdem ser proprios porque sómente elles constituem, em synthese, uma certa e determinada familia. E a conside-

rarmos como proprios os nomes de mezes, ventos, etc., teriamos com mais forte razão de classificar na mesma categoria os nomes dos mineraes, taes como ouro, prata, etc., que convém a certas e determinadas substancias.

Não só com o andar dos tempos, como com o desenvolvimento do cerebro, a intelligencia se foi embrenhando nas espessas mattas das abstracções. O FETICHISMO, cedendo logar ao THEOLOGISMO, proporcionou, pela IDOLATRIA, o apparecimento da ABSTRACÇÃO. Este phenomeno sociologico trouxe como consequencia logica o desenvolvimento das sciencias e das artes no Egypto, na Grecia, na Italia, etc.. A' transição, pois, da razão, do concreto para o abstracto, devemos o apparecimento dos nomes abstractos, cujo papel é designar coisas creadas pela fecunda imaginação humana.

Os PRENOMES, ou antes os PATRONYMICOS, são propriedades desta ou daquella familia. Elles exercem fun-

ção capital na marcha progressiva das sociedades humanas. Os negros e mesmo os selvagens não contam esta *propriedade*, aliás consoladora, que tem o poder magnetico de ligar o passado ao futuro, por meio do presente.

Os PATRONYMICOS são uma das maiores glorias da sociologia, porque são o esboço das leis de solidariedade e de continuidade de acção. E' assim que sob o impulso do passado se guia o presente e se prepara o futuro. Os negros e selvagens apresentam em sua vida solução de continuidade, não raro prejudiciaes a interesses individuaes e sociaes, devido á pobreza que nelles se nota nesse particular. Para elles a vida é inteiramente nova, sempre que se vêm obrigados a abandonar a terra que os viu nascer. Jamais poderão, por certo, apertar a mão amiga de um parente proximo.

Os PATRONYMICOS, pois, nos fazem antevêr que — « os vivos são, cada vez mais, governados pelos mortos; » e que — « o cerebro é o intermediario entre a sciencia e a humanidade. »

As diferentes modificações soffridas pelas palavras para exprimir relações diversas são denominadas flexões. As flexões nominaes são: GENERO, NUMERO e GRÃO.

GENERO — é a flexão pela qual o nome indica si o individuo pertence á geração masculina ou feminina. E', pois, o sexo que dá logar ao genero dos nomes. Assim sendo, os nomes das coisas inanimadas não deveriam ter GENERO. O SEXO sendo privilegio das coisas organicas, *ipso-facto*, o GENERO devia ser privilegio dos seus respectivos nomes.

O homem, estudando a sua organização, foi levado a formular a hypothese de que o mundo inorganico participava das suas qualidades. Dahi o attribuir-se o sexo ás coisas inanimadas e o genero aos seus respectivos nomes.

E, neste particular, os homens, devido á influencia do fetichismo, chegaram a considerar as coisas inanimadas superiores a si proprios. Haja vista o bezerro de oiro de que fala a Biblia, adorado pela raça

hebraica, apesar dos esforços de Moysés para os libertar do estado fetichico em que se achavam. A adoração do fogo, da agua, o cuidado que temos com os campos, com as arvores, etc., são vestigios desse periodo. Em um tal estado social não é de admirar serem attribuidos, pela imaginação humana, orgams especiaes aos inorganicos. A linguagem, synthese do passado, obedecendo á LEI DOS TRES ESTADOS, passa pelas mesmas phases por que tem passado a humanidade. Ella tem estudo pratico e outro theorico. Philosophicamente falando, portanto, só têm GENERO os nomes de coisas animadas; praticamente, entretanto, se dão grammaticalmente genero ás coisas inorganicas ou inanimadas, permanecendo este estado de coisas emquanto o methodo andar divorciado da doutrina, como acontece geralmente com a arte de ensinar a ler.

NUMERO — é a flexão pela qual o nome indica a unidade ou a multiplicidade ou antes a pluralidade.

O numero é questão méramente mathematica.

Ha, entretanto, varias maneiras de fórmar o plural dos nomes. Eil-as: 1.^a — modificando a palavra; exemplo: livro, livros; casa, casas; 2.^a — repetindo a palavra; exemplo: casa, casa; 3.^a — antepondo outra palavra; exemplo: di-casa.

Destes tres modos de formação do plural dos nomes, o primeiro é o adoptado na lingua portugueza, modificando-se, entretanto, de conformidade com a terminação da palavra.

Em certas linguas, que não a portugueza, existe o DUAL, servindo para designar coisas pares, taes como — olhos, labios, calças, calçados, etc..

Nomes ha, na lingua portugueza, que não têm plural. Nestas condições estão os nomes chamados proprios, embora não sejam propriedade de ninguém, que, nomeando e convido a uma e unica pessoa ou coisa, não admittem plural. Si estes nomes admittissem flexão de numero, designariam mais de uma coisa

perdendo por isso a sua razão de ser. Entretanto dizemos: os Camões, os Andradas, etc., indicando-se poetas da estatura de Camões, políticos da tempera de José Bonifácio. Fé, esperança, caridade, etc., não têm plural.

Da mesm'arte que ha nomes que não têm plural, tambem os ha sem singular, como, por exemplo, peza-mes, parabens, ferias, etc..

A forma COLLECTIVA, que em these designa a pluralidade, é sempre empregada no singular. A concordancia, entretanto, deve ser feita — ora com o collectivo, ora com as coisas por elle designadas, segundo a ideia predominante.

GRÃO — é a flexão pela qual o nome designa uma coisa maior, menor, ou peor que o natural. Dahi a existencia do grão — normal, augmentativo, diminutivo e pejorativo. Os tres primeiros têm formas proprias e o ultimo emprega as dos intermediarios.

Portanto, o grão, propriamente dicto, tem duas significações. Elle dá ideia de grandeza e de desprezo ou odio.

O augmentativo, exagerando a significação positiva do nome, exprime uma coisa maior que o natural. O diminutivo, diminuindo a significação, denota uma coisa menor que a natural. O pejorativo, depreciando a mesma significação, indica uma coisa peor que a normal. *Homem, homenzarrão, homunculo, poetaço*, etc., são exemplos dos diversos grãos.

O grão nominal, applicavel tambem ao adjectivo, lança raizes á classe dos verbos e á dos adverbios.

O diminutivo, em linguagem familiar, admite outras formas, taes como — Juca, Zézé, Totó, Lulú, etc.. O grão mostra, portanto, que a linguagem, affectiva na familia, se torna intellectual na sociedade.

São Paulo, 3—V—906.

LUIZ CARDOSO.

Electricidade

V

SUAS IDEIAS FUNDAMENTAES E SUA
APPLICAÇÃO TECHNICA

(Continuação)

— Desejava, porém, agora saber outra coisa. A corrente das machinas electricas é muito mais forte do que a de apparatus elementares. Na produção da electricidade, não ha, segundo supponho, uma influencia chimica. Parece-me, portanto, que o *momento-motor*, deve ser de natureza muito diversa. Sei que o magnetismo tem papel muito salien-

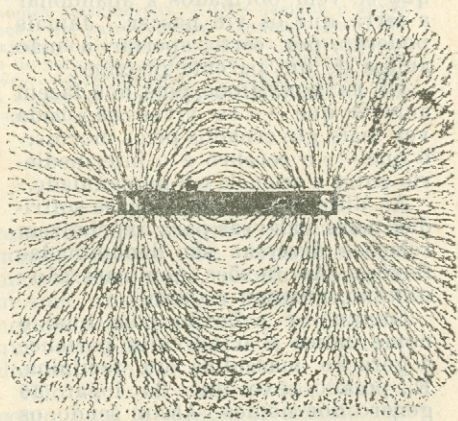


Fig. n.º 6

te e nisso não tenho duvida; mas, ignoro como a electricidade e o magnetismo actuam conjunctamente; vejo, apenas, o effeito mas me falta a comprehensão dos factos.

— Bom: não tenhaes pressa, pois essa comprehensão se fará logo.

Já vos disse, em licções passadas, que a causa que, em um logar determinado, produz uma differença de pressão, pôde ser de diferentes especies. Ha um circuito fechado de conductores electricos entre os dois pontos que manifestam uma differença de pressão e, por isso, ha

uma corrente electrica. Logo, si ha essa differença de pressão e uma corrente electrica—se conclue que as fontes de electricidade—isto é, o arranjo ou apparatus que, semelhantemente a bombas, põe uma corrente em movimento em circuito fechado—pôde ser de natureza diversa.

Duas fontes já conheceis: uma é o atrito mechanico de corpos apropriados, como na machina de electrizar; outra é a acção chimica como no elemento galvanico, como explica a figura n. 5. Uma terceira fonte ou causa, cuja acção sobre as moleculas podemos tambem considerar como mechanica — é o *calor*. Por isso é que se ouve falar em *electricidade de calor*, ou em *electricidade thermica*.

Tomemos duas tiras de metaes diferentes; por exemplo, *ferro* e *cobre*. Soldemol-as pelas suas extremidades e conservemos constantemente as extremidades livres em temperaturas diferentes, uma, por exemplo, no *vapor d'agua* e outra no *gelo*. Obtem-se assim uma differença de pressão. As extremidades livres constituem os polos de um *thermo-elemento* que produz o mesmo effeito que um elemento galvanico, com a differença de ser mais fraco um pouco.

A quarta fonte, e a mais importante, do movimento da electricidade que se emprega na technica—é o *dynamo*. O *dynamo* é uma machina productora de Electricidade e é tambem um motor electrico. O movimento, nessas machinas, baseia-se na influencia que a visinhança de um imã exerce sobre conductores, e principalmente sobre moleculas de atrito, quando os conductores—um arame de cobre, por exemplo—se achem nas proximidades de um imã ou no seu campo de acção.

No logar do elemento galvanico ou thermico, que produzirão o effeito de uma bomba electrica, está agora a machina electro-magnetica sem que, pondo de lado a grande intensidade da corrente, haja modificação no processo.

Admittamos agora, entre os pontos — A — e — E — uma outra bomba

electrica; e teremos, então, apenas de explicar como ella se acha constituida. O effeito produzido pela rotação da machina é identico ao do elemento e consta da compressão da electricidade em um sentido determinado. A differença entre os dois effeitos não é muito grande: differem, apenas, quanto á intensidade, pois as machinas fazem pressão mais forte que os elementos.

Como, porém, da acção dessa pressão cabe ao magnetismo o papel

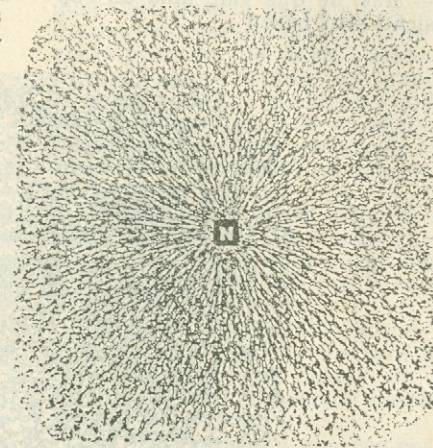


Fig. n.º 7

principal substituindo por analogia as mãos que exerciam pressão no nosso modelo de agua ou a força chimica no elemento—devemos primeiro nos occupar mais particularmente com elle.

Nunca vistes creanças guiarem, com um imã em forma de ferradura, pequenos cysnes, peixe e botes á flôr d'agua?

Conheceis, por certo, esse interessante brinquedo e quem sabe si já fizestes alguma ideia a respeito, observando que a força de atracção do imã se exerce atravez do ar, á distancia? O mesmo notareis, si applicardes o papel, o vidro ou qualquer outro corpo não magnetico.

E' muito natural que desejeis uma explicação desse phenomeno porque o movimento se produz sem contacto

algum, o que vai de encontro ao que se vê geralmente.

— Realmente: é o que nos admira; mas, não vejo como explicá-lo, pois que nada existe no espaço entre o imán e objecto.

— Logo-logo, de prompto não se pôde explicá-lo; pôde-se, porém, supôr que, apesar da invisibilidade, haja uma mudança ou alteração nas proximidades do imán, de modo que o meio adquira uma qualidade especial.

— Mas, de que vale uma tal suposição sem base?

Na primeira figura, em que o polo norte e sul estão designados pelas letras *N* e *S*—o imán está paralelo ao plano do papel; na segunda, o imán está perpendicular ou normal ao mesmo.

Na terceira figura, numero 8, vê-se o agrupamento da limalha de ferro tal como se opera em volta de um conductor atravessado por uma corrente electrica, estando o plano do papel perpendicular ao arame.

Veremos depois o que significa este ultimo facto

— Bom: tudo isso é, realmente

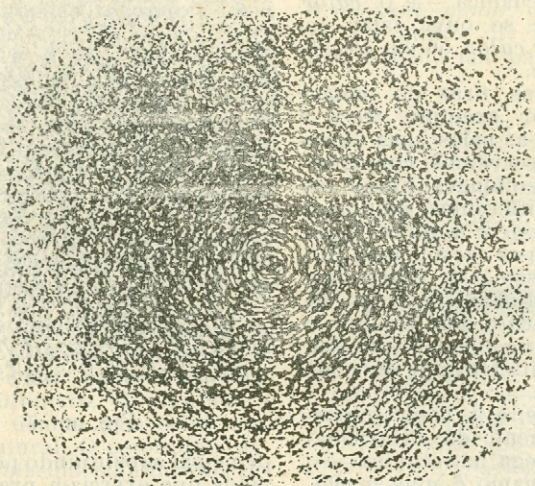


Fig. n.º 8

Poderia sómente satisfazer-me si a pudessem provar ou torná-la visível.

— Perfeitamente. Prova-se, isto é, pôde com effeito tornar-se visível.

Tomae um imán em fórma de barra e sobre elle ponde um pedaço de papel. Sobre o papel collocae limalha de ferro e batei, depois, cautelosamente no papel ou na mesa, si sobre ella estiver a barrinha imantada.

Que vereis? Vereis que a limalha se distribue de uma maneira determinada como explicam as figuras numero 6 e 7.

Muito interessante. Mas, como devemos entendel-o? Si não houver limalha de ferro, podemos admittir então que o ar se accommodará semelhantemente?

— Perfeitamente e sem duvida: as particulas do ar se accommodam como os fragmentos de ferro.

— Como devo figurar esses filamentos de ar?

— Lembrae-vos do que imaginou Maxwell, como demonstra a figura numero 2. Isto explica não só o que se dá com os phenomenos electricos, como o que se dá com os phenomenos magneticos: ligam-se

uns a outros de um modo indissolúvel. A vantagem principal do que imaginou Maxwell está exactamente na facil explicação da acção mutua entre as duas manifestações e que se applica o todo o electro-magnetismo.

E, como, segundo o estado actual da sciencia, as manifestações da luz são de natureza electro-magnetica—segue-se que a esse terreno pertence toda a optica.

A.

João Ramalho

Corria o anno de 1532.

As glorias portuguezas tinham tocado ao apogeu.

Sciencias, artes, descobertas, poder naval, tudo crescia e com tudo isso cresciam os louros lusitanos.

A literatura alcandorava-se e dentro em pouco se ia alçar ás eminencias do maravilhoso; pois que o peregrino genio que devia fazel-a tão bella como a bella Venus ao transpôr as regiões celestes e enamorar os deuses, já tinha nascido, havia oito annos.

Mas Jupiter, que á deusa promettera fazer que os gregos e romanos fossem esquecidos ante os feitos da forte gente, desde logo precisava pôr em acção herculeos braços que unindo gloria ás glorias viessem dar novo impulso aos arroubos portuguezes; e João Ramalho foi o cogulo das providenciaes medidas.

Chegára Martim Affonso a São Vicente, e, fundando allí a primeira povoação brasileira, não poderia ampliar os ambitos da nova criação si imprevistos acontecimentos não viessem dar corpo á obra que encetára.

O atrevido navegador deveria limitar-se ao dominio de serra-abaxo, porque o transpôr a majestosa cordilheira que se lhe defrontava seria demasiado lance ás suas forças, como grande perigo á sua vida.

Era, pois, preciso que alguém apparecesse em seu auxilio, e esse alguém appareceu; auxiliou-o; encorajou-o; deu-lhe mão forte e veiu a

ser o tronco deste povo intelligente e emprehendedor que ora se denomina — *povo paulista*.

João Ramalho, que os historiadores são acordes em considerar um naufrago abandonado nestas plagas, e que alguns o têm como sendo um daquelles dois bachareis de que falam os patrios tracadistas, João Ramalho, dizemos, foi o ente inesperadamente apparecido para imprimir nova feição aos feitos de Martim Affonso. Vivendo nestas regiões e havendo se consorciado com Bartyra, filha de Tebyricá, chefe da tribu guayanaz, gosava de grande prestigio perante os selvagens e ia ser o genio protector do fidalgo lusitano. Chegando-lhe a noticia dos expeditionarios em S. Vicente, para allí se dirigiu e apresentou-se ao chefe da expedição dando-lhe sciencia de qual era o seu viver entre os habitantes da selva.

Assegurou-lhe desde logo o seu apoio, bem como o do chefe guayanaz e dos demais com quem convivia; e foi a alma da união entre indigenas e europeus.

A historia de Ramalho, diz o Dr. Mattoso Maia, assemelha-se á de Diogo Alvares Corrêa, menos no que se entende com o episodio da arma de fogo.

Em 1512 naufragou elle nas costas do Brazil, nas proximidades, supomos, da actual cidade de Sanctos, e, salvo, como tambem o foi um seu companheiro, Antonio Rodrigues, encontraram ambos acolhimento amigo entre os habitantes do paiz.

Notaveis historiadores fazem remontar o naufragio do velho luso ao anno de 1490, tendo como provavel que elle viesse em algum navio que demandando a Africa ou a Asia, mas, perdido, tocasse ás costas brasileiras.

Si se admittir essa versão, aqui chegára elle antes de Colombo; porém o homem de letras a quem, pouco ha, alludimos impugna esse modo de vêr.

Si é, todavia, incerta a data da sua chegada, é absolutamente verdadeiro o influxo por elle dado á povoação que se fez prosperá e pros-

peras tornou ás demais que se foram formando.

A benéfica mediação de Ramalho tão intimamente estreitou as relações de Martim Affonso e Tebyriçá que este resolveu baptisar-se e tomar como tomou o nome de Martim Affonso Tebyriçá. Igual desejo manifestou Bartyra que na pia baptismal recebeu o nome de Izabel; e grande foi o numero de catechumenos que acompanhando pae e filha abraçaram a religião do Golgotha.

Por convite de Ramalho, Martim Affonso subiu a serra e tocou em sua vivenda, onde esteve em outubro de 1552. Esse lugar que demora a pequena distancia da cordilheira tinha a denominação de Borda do Campo; e ahí Ramalho, encarregado pelo capitão-mór, lançou os fundamentos duma aldeia sob a invocação de Sancto André.

O povoado, em Abril de 1553, foi elevado á categoria de villa; era então Thomé de Souza o primeiro governador geral do Brazil.

Ramalho foi nomeado alcaide-mór da villa; mas, depois de fundada a povoação de S. Paulo, houve rivalidade entre esta e aquella, por isso que os jesuitas procuravam elevar S. Paulo emquanto Ramalho e os seus pugnavam pela prosperidade de Sancto André.

D'ahi a lucta que terminou pelo triumpho de S. Paulo e consequente arrasamento de Sancto André, arrasamento ordenado em 1560 por Mem de Sá, terceiro governador geral.

Foi bem ephemera a existencia de Sancto André da Borda do Campo, sendo apenas de vinte e oito annos toda a sua duração.

Si fóra recente e não antiga a fuga dos encarcerados das cavernas eolicas, eu diria que um delles foi o emissario da obra de destruição, e que de tal arte a fez que não deixou o menor vestigio da extremecida criação do velho João Ramalho.

S. Paulo, 8 de maio de 1906.

J. F. MARCONDES DOMINGUES

Uma lição de calligraphia

NO PRIMEIRO ANNO PRELIMINAR

Na hora designada para a aula de calligraphia, nos dirigamos para a sala do primeiro anno preliminar, onde os alumnos esperam em pé e numa posição verdadeiramente correcta.

Logo que o professor nos entregar a classe, daremos começo á nossa missão, fazendo os signaes com a campainha e executando os diferentes commandos para que os alumnos se sentem; tomem as lousas, e adquiram uma posição propria para executar com facilidade os movimentos proprios da arte calligraphica.

Objecto do ensino. — Calligraphia é a arte de traçar a escripta com perfeição. Além de ser uma apreciada arte, a calligraphia é materia que corresponde a uma necessidade essencial da vida e é um instrumento indispensavel para o desenvolvimento de outras disciplinas escolares.

Assim sendo, a escripta deve ter os requisitos technicos da legibilidade, facilidade e rapidez, e tambem os requisitos estheticos da unidade, variedade, ordem e symetria.

A *unidade* é proveniente da egualdade de inclinação, de proporção da letra; — a *variedade* resulta do emprego de diferentes caracteres e de traços que constituem cada um delles; — a *ordem* e *symetria* provêm da regularidade no espaçamento das linhas, das letras e das palavras de uma linha.

Devemos empregar todo o nosso esforço em fazer que o alumno consiga executar o movimento proprio de escrever e não o movimento muscular proprio do desenho.

Todavia, teremos o cuidado de deixar que a letra do alumno conserve o seu *cunho pessoal* que lhe dá uma feição característica.

Não existe, no Brazil, uma letra genuinamente brasileira; por isso se adoptou geralmente, nas escolas de S. Paulo, a *letra americana*.

Não tendo em vista a formação de calligraphia, a escola publica faz

o alumno adquirir uma escripta com um grão sufficiente de requisitos calligraphicos, technicos e estheticos, afim de que elle possa com vantagem utilizar-se della na vida pratica.

Attendendo a certa peculiaridade de traços, que dá origem á *escripta masculina* e á *escripta feminina*, devemos insistir para que de futuro a escripta dos meninos apresente um traço mais viril, e a escripta das meninas, um traço mais delicado e gracioso.

Precisamos notar que, todas as vezes que os alumnos se entregarem ao trabalho de escrever, devem fazel-o de conformidade com as regras indispensaveis da arte de escrever bem, não se limitando a observar os preceitos pedagogicos da calligraphia, sómente na aula especial dessa disciplina.

Meio. — Além das condições geraes do meio, que não convém aqui enumerar, a sala em que deve ser ensinada a calligraphia precisa ter as necessarias condições hygienicas, como por exemplo, o sufficiente volume de ar, a conveniente renovação do ar, etc.

Dentre todas as condições, sobre as da *iluminação*, pois a boa iluminação da sala muito contribue para o bom exito do trabalho.

A luz deve entrar em abundancia, pela esquerda do alumno, para que não haja sombra.

Deve-se ter em grande consideração a mobilia escolar, pois é esta uma questão de alta importancia.

A mobilia deve ter as necessarias condições pedagogicas, sendo de preferencia empregada a chamada *mobilia physiologica*.

As carteiras e os bancos precisam ter uma disposição conveniente, de modo a serem proporcionaes ao talhe do alumno e deixarem entre si uma distancia regular.

O material para o ensino da calligraphia no primeiro anno preliminar compõe-se de *uma lousa* com o respectivo lapis, o qual deve estar convenientemente aparado para que o alumno faça uma escripta com traços mais uniformes e elegantes.

Como já dissémos, está geralmente adoptada entre nós a *letra americana*. Pois bem, será este o *specimen* da escripta que deve ser ensinada no primeiro anno preliminar. Será feita a letra americana, com o tamanho do *cursivo maior*, em *estilo simples*, devendo a escripta ser *inclinada* para a direita.

Aptidão. — Para uma perfeita execução do movimento calligraphico, o corpo do alumno deve conservar-se numa certa posição apropriada a esse exercicio. Por esse motivo, chamaremos a attenção da classe successivamente para os seguintes pontos da attitude calligraphica, dando o signal com a campainha antes de cada voz de commando: — 1.º *posição do tronco*; — 2.º *posição dos pés*; — 3.º *posição dos antebraços*; — 4.º *posição das mãos*; — 5.º *posição da lousa* ou do papel.

Antes de dar cada uma dessas vozes de commando, daremos primeiramente uma clara explicação da posição a tomar.

O tronco deve ficar erecto, com o lado esquerdo approximado da mesa e o direito mais afastado. Correspondendo á posição do tronco, a posição dos pés é: — o esquerdo assentando em cheio no soalho e o direito um pouco adiantado. A posição dos antebraços é: — o esquerdo horizontalmente assentado sobre o papel ou lousa e o direito em liberdade de acôrdo com o movimento calligraphico a executar. Posição das mãos: — a esquerda distendida segurando a extremidade do papel ou lousa; a direita apoiada sobre os dedos annular e minimo e com os outros tres ligeiramente curvados, segurando a *canneta* ou lapis.

Para que esta posição do corpo produza os seus effectos, fazendo o alumno com desembaraço os movimentos calligraphicos, é preciso que a lousa ou papel fique ligeiramente inclinada para a esquerda.

E' de grande conveniencia e utilidade a repetição desses diferentes commandos, acima indicados, podendo mesmo ser repetidos muitas vezes antes da mesma aula de calligraphia, pois assim os alumnos se

acostumarão a manter-se na posição adequada á execução de tão delicado e gracioso trabalho — o escrever.

Como temos de dar aula no primeiro anno preliminar, precisamos lembrar que os alumnos dessa classe têm *aptidão mental* para o *concreto*, devendo por conseguinte ser praticado o processo empirico da calligraphia.

Processo. — Pelos factos que acabamos de expôr, vimos que nessa classe será executado o *processo empirico*, processo esse que consiste em apresentar ao alumno os *factos da escripta*. Com esse fim, escreveremos no quadro negro, sentenças, palavras e letras, para que os alumnos as reproduzam com a possível fidelidade na lousa, e procuraremos auxiliá-los, para que elles possam vencer essa primeira dificuldade, e adquiram mais tarde uma bella e elegante escripta, com suaves e bem talhados traços.

Methodo. — O methodo nos ensina a marcha a seguir no ensino da calligraphia e é regulado pela lei da successão dos processos. Sendo no curso primario adoptado o processo empirico, que está de inteiro acôrdo com a aptidão mental dos alumnos, somos obrigados a seguir tambem o *methodo intuitivo*, que corresponde áquelle processo pedagogico.

São duas as operações que o methodo emprega na calligraphia: — a analyse e a synthese.

A analyse decompõe o todo em partes analogas: a sentença, em palavras; as palavras, em letras, etc. A synthese reúne os elementos fornecidos pela analyse e com elles fórma novos todos, ou de elementos eguaes ou de elementos diversos.

A analyse tem por ordem a complexidade crescente; e a synthese, a generalidade decrescente, tambem empregada pela analyse.

Baseados na ordem simultanea da analyse e da synthese, devemos partir na calligraphia, das palavras mais simples, que são as mais geraes, para as mais complexas e menos geraes; e assim tambem nas letras.

Das ligeiras considerações que temos feito, depreheende-se que os alumnos do primeiro anno preliminar estão no *primeiro gráo do ensino* da calligraphia.

Não precisamos neste nosso modesto trabalho, encarecer as vantagens da calligraphia, pois a sua importancia é tal que toda a gente a reconhece como uma necessidade essencial da vida collectiva, permitindo a communicacão do pensamento entre os membros da collectividade; e da vida individual, permitindo a cada individuo perpetuar, por assim dizer, o seu pensamento.

Do extraordinario gráo de perfeição da calligraphia e da necessidade de uma graphia perfeita, resultou a invenção da imprensa, que concorreu extraordinariamente para o grande progresso da humanidade.

OTTONIO V. CAMARGO.

Paginas Civicas

Fôrmas de Governo

II

VANTAGENS DA REPUBLICA

Quem folhear as paginas de nossa Historia, não poderá deixar de reconhecer que a Republica sempre foi a preocupação dos nossos cidadãos.

O povo brasileiro é, no mundo, um dos que mais se salientam pela sua indole essencialmente democratica, despida das vaidades balofas que caracterizam a de outros povos.

Muitos toleravam a *monarchia* por tradição e porque suppunham que o *rei* fosse um *semi-deus*, um ente sobrenatural e o respeitavam quasi com fanatismo religioso: era o que se dava com a plebe e com os nossos sertanejos.

Depois, porém, que adquiriram a certeza de que o imperador é um mortal como outro qualquer e de que *a terra tambem come os mo-*

narchas — já não mostravam pelo rei a mesma adoração de sempre; o imperador não mais era idolo e sim um homem como qualquer outro: quanto menos apparecer ao Povo, mais respeitado é o rei.

O Povo do Brazil, aquelles que fórman a massa activa da população, os que sentem quando a Patria soffre ou se rejubila — os que por ella se sacrificam incondicionalmente — sempre desejaram a Republica e a evangelisaram.

Desde Tiradentes até ao Quinze de Novembro, as revoltas republicanas, como relampagos que cortam, rapido, a vastidão do espaço, tambem resurgiram em diversos pontos do paiz, relembrando a firmeza das crenças dos paladinos incansaveis da nova fórma de governo.

Por melhor que fosse o imperador, o Povo não se esquecia que a *monarchia* era um exotismo, era uma anomalia no solo americano.

Paiz de America, o Brazil forçosamente devia ser uma Republica, ou adoptar essa fórma de governo, cujo character essencial é a ausencia de privilegios de toda e qualquer especie.

* * *

Como pôde haver Republica aristocratica?

Democracia é uma palavra derivada de — *dêmos*, povo — e — *krâtos*, auctoridade: democracia é o governo em que o Povo exerce a soberania.

Toda Republica é democratica: só ha democracia na Republica, porque a Republica é o governo de todos por todos, sem distincção de classes, de fortunas ou de qualquer outro genero.

Dizem os monarchistas de todo o mundo que a fórma de governo nada vale, uma vez que a essencia seja boa.

Taes affirmações são, apenas, recursos de momento e não resistem á minima consideração.

Poderá uma esphera rolar com a fórma de cubo? Poderá a agua fluir com a fórma de gelo? Poderá qualquer machina funcionar si o cylindro tiver, por exemplo, a fórma de esphera?

Está clarissimo que não: o Brazil republica já tem provado té á saciedade que a questão de fórma é capitalissima.

Qual o Estado do Brazil, hoje autonomo e soberano, que deseja *re-centralisar-se* sob a fórma — já não digamos monarchica — mas sob a fórma republicana unitaria?

Cada um é, na Republica, uma grande familia, uma republica na Republica, que se governa como pôde, com os recursos de que dispõe.

Cada Estado se fórma de municipios e cada municipio tem, tambem, a sua autonomia: o Estado é um municipio em ponto grande e o municipio é um Estado em ponto pequeno.

Todos os povos da Terra, nos primeiros tempos de sua formação, numa epoca primitiva e de embryonaria civilisação — eram governados despoticamente, arbitrariamente.

A anarchia completa parece ter sido o primitivo estado da Humanidade. Os primeiros homens eram barbaros, selvagens e viviam sem a minima ideia de sociedade.

Foram-se, aos poucos, agrupando, por interesses communs; constituiram familias e os mais fortes ou mais astutos assumiram a direcção suprema das tribus recém-formadas: era o regimen patriarchal ou de tribus.

Pela expansão, pela dilatação desses pequenos nucleos de homens — foi que se crearam os poderosissimos imperios: foi dahi que nasceu a monarchia absoluta.

O despotismo é o governo dos povos que jazem ainda no primitivo estado de sua evolução. Esse systema de governo se foi abrandando de selvageria, pelos golpes que soffreu o absolutismo. Veiu, então, o systema *constitucional representativo*, com que os monarchistas disfarçavam o despotismo.

* * *

— Porque se deu a queda do primitivo poder arbitrario, absoluto?
— Porque adoptaram a fórma transitoria *constitucional representativa*?

— Forçosamente porque os povos progrediram e porque, nesses embates constantes das nações contra as dynastias, sempre houve triumpho popular.

Esse conflicto politico, entre a realza e o povo, continúa sempre: si o povo triumpho, torna-se, então, senhôr de toda a auctoridade governamental e, neste caso, elimina-se completamente a dynastia. Entre uma e outro, não ha mais acôrdo possível: a avalanche revolucionaria, a vontade popular, pôde suffocar, de um momento a outro, as ambições dos monarchistas.

Foi o que se deu na França; foi o que se deu no Brazil: o *absolutismo*, para se manter, encapota-se na forma *constitucional representativa*. Dura alguns annos; quando, porém, o povo descobre as suas manhas e manobras, cae-lhe de rijo em cima e o leva de vencida: proclama-se, então, a Republica.

* * *

A Republica é a forma de governo que se caracteriza pe'a escolha que a Nação faz de varios cidadãos para os cargos publicos. Esses cidadãos, escolhidos ou eleitos pelo paiz, são seus representantes por algum tempo; são directamente responsaveis pela fiel e bôa execução do mandato recebido.

Em vez de um *rei* que recebe de sua familia, dos seus antepassados, o direito de governar — na Republica, a auctoridade governamental recae ora num cidadão, ora noutro; e, logo depois desse serviço temporario á Patria, volta cada um á sua vida privada, onde terá de soffrer fatalmente as consequencias dos seus desacertos.

Na Republica, desde o simples juiz de paz, desde o camarista até ao chefe do Estado, que veiu substituir ao *rei*, todos os funcionarios são escolhidos por eleição popular.

Na monarchia, o chefe do governo pertence a uma familia privilegiada, de quem recebe o direito de gover-

nar. Esse direito passa a um successor ou herdeiro por morte do regente. O governo de um monarcha pôde durar uma existencia de muitos annos, trinta, quarenta ou cincoenta. Si fôr um bom soberano, o povo muita lucrará com a sua illustração e intelligencia; si fôr mau, o paiz não terá outro remedio sinão o de atural-o até ao momento fatal da sua morte, com a esperança de melhor substituto.

O povo não pôde, na monarchia, fórmar o seu governo e escolher o seu *rei*: quer queira quer não, o seu monarcha lhe é imposto pelo acaso do nascimento, por uma dynastia ás vezes oriunda de um nucleo composto de elementos heterogeneos.

Na monarchia, sempre o governo dos municipios e provincias da nação está centralizado nas mãos do *rei*, de cuja vontade dependem os seus destinos. A maior parte da fortuna publica é gasta nas pompas e nos apparatus da côrte, bem como na complicada administração central, que consta de numeroso pessoal.

Na monarchia, um só individuo — *rei* ou *imperador*, ás vezes uma mumia que os politicos hypnotizam — faz monopolio do governo; e, quasi sempre grato aos seus antepassados e muito tradicionalista, é o *rei* um obstaculo ao progresso nacional.

A Republica é o inverso: o que a caracteriza é a eletividade dos funcionarios que têm de exercer qualquer auctoridade.

Na Republica, principalmente na Republica Federativa, cada departamento, cada municipio e cada estado, governa-se por si mesmo; tem o direito de escolher o seu governo, a sua municipalidade que policia e administra a povoação por alguma tempo.

Todas as rendas do municipio são applicadas no proprio municipio, no embellezamento e em melhoramentos locais.

A Republica será tanto mais prospera quanto mais descentralizados forem os seus Estados.

A. R. DE C.

DIVERSOS

Notas Pedagogicas

Viagens de professores ao exterior.
— *A aquisição de mestres estrangeiros.* — *Publicações pedagogicas.*

Ao attingir seus 70 annos de idade, foi Bismarck distinguido pela nação inteira com a offerta de 1.200.000 marcos, ou cerca de novecentos contos de réis. Qual o destino que deu a tão consideravel fortuna? Dedicou-a á constituição de um fundo permanente para subsidiar as viagens de estudos do professorado allemão pelo imperio e pelo exterior. E' que, arguto estadista e esclarecido patriota, o celebre chanceller de ferro reconheceu a proficuidade da multiplicação dessas excursões, já auxiliadas pelos governos, para desenvolver as habilitações de uma classe que tanto ajudára a Allemanha, despertando a aspiração popular convertida em realidade pelo talento politico do famoso ministro de Guilherme I.

Desse processo de aperfeiçoamento pedagogico, em uso na velha Germania, serviram-se os reformadores do Japão, na ingente faina de assimilar a civilização occidental em quarenta annos. Percebendo que sua patria só seria forte e prospera no dia em que se apoderasse da cultura europeia, elles mandaram legiões de jovens estudantes ao Occidente, afim de que aprendessem estes o que de melhor houvesse em

todos os ramos do saber humano. Enviaram, sobretudo, professores, que, depois, por intermedio de milhares de escolas, transmittiram ao povo a sciencia e os costumes adquiridos pacientemente em terras extranhas.

As juvenis republicas do nosso continente estão seguindo esse proveitoso caminho, tão proprio das nações novas e inexperientes, que, por uma sensata imitação, têm de constituir a sua individualidade, como acontece com as creanças. A Argentina, o Mexico, a America Central, Cuba, etc., não poupam sacrificios para fazer a grupos de seus mestres primarios percorrer e estudar no maravilhoso paiz dos *yankees*, cujos progressos pedagogicos bebem com avidez. O Chile, porém, é que está desenvolvendo mais o systema: ainda o anno passado para lá dirigiu toda uma turma de moços recentemente diplomados pelas suas normaes.

Pois é assim que os Brasileiros precisam proceder, em grande escala com perseverança e regularidade, sem olhar a despesas. Todos os annos, proporcionemos os meios necessarios para que dezenas, centenas mesmo, de membros do nosso magisterio vão ás nações mais cultas examinar e aprender o que de mais perfeito existir na sua profissão. Que elles visitem a Suissa, a Allemanha, a Suecia, a propria Argentina, si possível fôr. Todavia, escolhamos de preferencia, para campo dessa aprendizagem, a patria de Washington, a qual já resolveu os problemas que temos de resolver, como povo for-

mado do modo semelhante. E' assim que prepararemos multidões de esclarecidos educadores que, agindo simultanea e uniformemente, hão de influir de prompto sobre a nossa sociedade em formação e impulsionar o vigoroso surto da nossa civilização nascente.

Em S. Paulo temos professores devotados e intelligentes, como os srs. René e Arnaldo Barreto, Pedro Voss e A. Bresser, Augusto de Carvalho, e Francisco M. Vianna, Roca Dordal e Mario Arantes, além de varios outros de igual valor, que são perfeitamente capazes de desempenhar a honrosa incumbencia de transportar para cá os mais apreciaveis fructos das organizações pedagogicas estrangeiras. Lá fóra, observando e comparando coisas alheias com as nossas, vendo e annotando, elles avolumariam seu cabedal de doutrina e experiencias. Ao voltar, trariam novas luzes e dobrados enthusiasmos para orientar seus collegas e animar suas escolas, confórme já succedeu com o dr. Oscar Thompson, competente director do nosso instituto normal.

Até o nosso esforçado inspector geral do ensino publico lucraria bastante com um passeio aos Estados Unidos, onde ficaria sabendo como é que os governos preparam cidadãos laboriosos, sem se tornarem *tutores de mentes pto.* Então, certamente, o digno funcionario abandonaria algumas das suas ideias rotineiras e condemnaveis, lastimavelmente expostas nos seus relatorios.

Mas, principalmente os rapazes que terminam o curso normal é que aufeririam vantagens dessas excursões. Seria desejavel que a turma inteira, exceptuando apenas os que recusassem por justo motivo, passasse de seis mezes a um anno nos estados norte-americanos, recebendo uma razoavel diaria em ouro durante todo o tempo. Frequentando os melhores estabelecimentos, ella ouviria as licções dos pedagogistas mais eminentes e visitaria as escolas mais afamadas. Para assegurar, porém, o aproveitamento, conviria que fosse dirigida por um profissional experi-

mentado, que a esclarecesse nos estudos e fiscalisasse o procedimento de cada um, de acôrdo com o costume empregado pelo Japão em idênticas circumstancias.

Quanto aos professores que já têm idade sufficiente para poderem medir suas responsabilidades, dever-se-ia estabelecer o concurso para a escolha dos que pretendessem estudar no exterior. Neste caso, a prova escripta consistiria no desenvolvimento de um thema pedagogico; na oral provocar-se-ia sómente saber falar correntemente o idioma inglez. Uma commissão de lentes faria o julgamento e indicaria os mais merecedores de ser premiados com a subvenção a consignar no orçamento estadual. Tal pratica, adoptada no exercito e marinha com os officiaes commissionados no estrangeiro, evitaria favoritismos a nullos e incapazes, frequentemente protegidos pela inconsciência dos politiqueiros.

Insistimos, porém, neste ponto capital: essas viagens produzem resultado satisfactorio e perceptivel unicamente quando effectuadas por muitos individuos. Porque—lá diz o bom senso popular—uma andorinha só não faz verão...

* * *

Em outubro de 1865 perambulava pelos Estados Unidos o luminoso espirito de Domingos Faustino Sarmiento, em busca de ensinamentos pedagogicos. Encantava-o a primorosa obra educativa que os *yankees* estavam levando a effeito desde 1839—data do inicio das inolvidaveis campanhas de Horacio Mann. Das impressões que recebia, elle dava conta ao ministro Eduardo Costa, que na Argentina geria a pasta da instrução publica. Escrevia então a esse compatriota seu phrases destas, numa carta recentemente publicada pelos jornaes de Buenos Aires:

«Já lhe terá communicado o ministro do exterior as indicações que faço, relativamente a dar-me os meios de mandar daqui mestres para San Juan. E' toda uma revolução no ensino. Em frente a Buenos Aires deviam ter passado seiscentas

mestras que vão de Boston pelo cabo de Horn ao districto de Washington, ao norte da California. Que pena não se levantasse um temporal que as lançasse á praia em Buenos-Aires! Seiscentas mestras fariam mais que todos os nossos esforços junctos.

«Na nota que lhe dirijo e destino a prologo do livro, recomendo-lhe fundar escolas normaes e lhe proponho principiar por uma em San Juan, proseguir com outra em Tucuman, etc.. E' preciso *assegurar* os elementos de civilização nessas remotas terras da Republica. O meio singelo de conseguil-o é decretar simplesmente a creação e encarregar-me a mim da execução. Eu mandarei daqui os planos, os regulamentos e os mestres, e tudo andará ás mil maravilhas. Educaremos mulheres e homens indistinctamente, fazendo a Escola Normal ao lado da Sarmiento.»

Que lucidez patriótica! Que despreendimento de vaidades tolas! Esse homem, que podia julgar-se um competente, não duvidava em apellar para o concurso extranho, com o fim de renovar *praticamente* a organização pedagogica do seu paiz. E' que elle verificara que os norte-americanos não haviam procedido de outra maneira, importando afamados mestres do Velho Mundo, como Roma já os importara da Grecia.

Suspeitado—ah! não havia de ser o ultimo!—suspeitado de alimentar ambições politicas com esses planos, Sarmiento não logrou vel-os executados em tal occasião, sob a presidencia do general Mitre, a quem de balde procurou tranquillisar, dizendo: «respecto à ambición, yo soy un santo.» Mas o desinteresse tambem triumphou, ás vezes, no mundo, cheio de luctas mesquinhas. Em 1874 o illustre argentino foi eleito presidente da Republica. E nal se sentou na cadeira de Rivadavia, apressou-se a realisar o seu sonho: fundou as primeiras escolas normaes da Argentina, para as quaes contractou numerosos professores norte-americanos, que, em annos successi-

vos, adextraram valentes e applicados discipulos

Ao reformar-se a nossa Escola Normal, em 1890, seguiu-se tão fecundo exemplo de Sarmiento, invocado nesta mesma folha pelo benemerito Caetano de Campos, a 30 de março desse anno, num artigo justificando a refôrma, assignada dias antes. Ninguém ignora como se procedeu: miss Browne veiu dirigir a escola-modelo annexa, onde praticavam os futuros mestres. O resultado? Ahi está bem patente aos olhos de todos: os alumnos da illustrada senhora ainda não foram excedidos em capacidade pelos diplomados depois della se retirar.

Assim, haveria grande utilidade em contractarmos tres bons professores norte-americanos, preferindo os que já conheçam o hespanhol, por terem estado no Mexico, em Cuba, etc.. Dois delles seriam do sexo masculino e o terceiro, do feminino. A senhora e um dos homens tomariam a seu cargo a escola-modelo annexa á Normal. O outro homem serviria como inspector escolar, fazendo a critica dos nossos methods, falando nas conferencias e acompanhando os normalistas que fossem aos Estados-Unidos, onde os orientaria com os seus conhecimentos.

Combinado com o anterior, esse recurso augmentaria consideravelmente o preparo do nosso magisterio primario. Aproveitariam especialmente, com elle, as professoras, que não podem ir ao estrangeiro sinão em casos isolados e rarissimos.

* * *

Formidavel alavanca da civilização moderna, a imprensa concorre poderosamente para desenvolver as habilitações do professorado. Por isso, em todas as nações cultas existem publicações especiaes, destinadas a manter aos que ensinam ao corrente do movimento geral da arte de Pestalozzi e Froebel.

Tanta importancia ligam os *yankees* a essas publicações, que elles crearam uma repartição federal en-

carregada de fazel-as e divulgá-las. E' o *Bureau of Education*, de Washington. Desempenhando-se de um trabalho colossal, essa repartição elabora e distribue todos os annos, além de um grosso relatório annual, milhares de boletins e brochuras contendo memorias informações e estatísticas sobre a instrução nos Estados-Unidos e em todo o universo.

No Brasil, não temos nada nesse genero: a União descura do assumpto. Os proprios Estados, na maioria, não lhe prestam a devida attenção. Apenas o Pará faz excepção, publicando officialmente *A Escola*, dependente da Secretaria do Interior e Instrução.

Si o governo paulista não julga util subsidiar revistas particulares, onde se possam inserir artigos ferindo a vaidade de personagens officiaes, funde um órgão seu, sob sua immediata responsabilidade e dirigido por um funcionario publi-

co, qual o director da Escola Normal. Nesse *Boletim Pedagógico*, onde não se admittiriam escriptos de character pessoal, seriam estampados os actos officiaes relativos á instrução, trabalhos originaes de professores, traducções feitas pelos alumnos da Normal, etc.. Quanto ao mais, cremos não ser preciso accrescentar que se effectuaria uma distribuição larga e gratuita por todos os professores, escolas e pessoas interessadas. Tudo quanto temos lembrado custaria, sem duvida, algum dinheiro: uns cem contos por anno, no maximo. Mas quem encontra dinheiro para instruir militarmente uma policia excessiva, por meio de officiaes de estado-maior e de couraceiros, facilmente descobri-l-o-ia para instruir as gerações vindouras — os melhores defensores da ordem e da Patria.

P. P.

(D'O Estado de São Paulo, de 13 de abril de 1906).

LITTERATURA

Um quadro da escravidão

Drama infantil em um acto

original de Carlos A. Gomes Cardim

EM UMA SALA COMMUM

SCENA I

A

A (falando só e com ar pensativo)
— Não sei que mal fizeram aquelles miseraveis! O chicote canta por um nada! O sangue gotteja como suor! Que horror! (*suffocada*) E ás vezes, até a morte!... Oh! Deus dos desgraçados!

— Estou certa disso, meu bom papá.
— Pois bem: fazes annos e quero fazer hoje toda a tua vontade. Que queres?

— O que eu pedir meu paezinho faz?
— Faça, sim, queridinha.
— Pois bem: quero que vós deis liberdade aos nossos escravos.

Meu pae levantou-se; seus olhos cresceram nas orbitas; seu rosto tornou-se rubro e, com a physionomia transformada, disse, com voz rouca:—Nunca! E virou-me as costas.

B — Mas, minha querida, é que pediste o que elle não podia fazer. E's talvez injusta; elle ficou certamente indignado por não poder satisfazer-te.

A — Isso não é, presentemente, a causa do meu soffrer. Com o tempo elle se acalmou e se esqueceu do meu audacioso pedido e...

B — Já vês que tenho razão.

A — Escuta, filha. Ha quatro dias, fazendo eu annos, meu pae novamente me chama e faz pergunta identica á que havia feito dois annos atraz. Eu respondi:—Meu pae, eu fui muito má quando ha dois annos fiz um pedido inexequivel; sei que vos magoei; mas agora eu vos peço perdão.

SCENA II

A e B

B (interrompendo) — Que é isto querida *A*?! Como estás nervosa?! Como estás preocupada?!

A — Querida amiga! Quem sabe si nossas lagrimas conseguirão alguma coisa! Quem sabe si estará em nós um meio de salvar esses infelizes!

B — Que é isto, minha amiga? Quem tens? Não te comprehendo. Não te falta nada! E's tão feliz!

A (soluçando) — Falta-me tudo e sou uma desgraçada!

B — Olha: toma um calmantezinho! Estás nervosa, sem razão.

A — Sem razão?!

B — Mas que é que te aconteceu?

A — Eu te conto. Meu pae, quando fiz annos, chamou-me em seu gabinete e disse-me:—Minha filha, tu bem sabes quanto eu te quero.

— Minha filha, aguas passadas não movem moinhos. Que desejas, minha querida? Um vestido de seda, uns brincos bonitos, um anel de valor? Que queres?

— Nada do que me offereceis.

— Que queres então?

— Meu paezinho, eu tenho por Julia uma affeição de irmã.

— Que quer isso dizer?

— Julia foi minha companheira de brinquedos; é minha amiga...

— Termina filha. Que queres dizer com isso?

— Quero a sua liberdade. (*com expressão*) Dae-a, paezinho. Vós sois bomzinho. E' só o que eu vos peço. Pelo amor que tendes á vossa filha, eu vos peço.

Não sei mais o que lhe disse e... nada, nada conseguí!

B — Mas, pelo facto de teu pae não ter dado a liberdade á tua irmã de leite é para estares assim desesperada?

A — Não, minha amiga, o caso é outro. Meu pae, depois que eu fiz esse pedido, começou a perseguir a misera escrava. Eu, querendo beneficial-a, fui seu algoz. A infeliz Julia é castigada diariamente com severidade bestial, pelo feitor.

B — Tens razão, minha cara amiga. (*Pausa*) Mas meu padrinho é bom: quem sabe si eu fosse secundar o teu pedido...

A — Nunca! Cahirias de suas graças e jamais terias a sua protecção.

B — Que devemos fazer?

A — Não sei. (*exclamando*) O' Julia, minha boa Julia! Quanto não terás soffrido hoje!! (*assustada*) Sinto passos. Quem será? (*Entra Julia pelo fundo, descabellada e chorando*).

SCENA III

A, B e Julia

Julia (*chorando para A*) — Sinhasinha, livra-me, pelo amor de Deus, do castigo que vou soffrer.

A (*abraçando Julia*) — Que é Julia? Que é que te aconteceu?

Julia — Sinhasinha, eu não pude fazer toda a tarefa que me deu o feitor, porque era de mais; elle contou

p'ra sinhô e sinhô mandou dar-me quar-nta relhadas.

A e B (*horrorisadas*) — Quarenta relhadas!!!

Julia — Salva-me, Sinhasinha! Salva-me pelo amor de Deus. Tem pena de mim (*chora*).

A — Que hei de fazer, meu Deus!

B — Pobre Julia!

Julia (*chorando*) — Eu não sei porque Sinhô, ha quatro dias, olha para mim com um modo feio e manda dar, a mim, todo o serviço peor.

A (*a parte*) — Sou eu, sou eu a culpada!

(*alto*) Que havemos de fazer, B?

B — Vamos nós duas pedir por Julia?

Julia — Ide! Ide, sinhasinhas! Vós sois tão boas! Ide! Ide!

A — E' impossível!

(*Julia chora*).

A — E' impossível. Si nós fôrmos pedir, cavaremos a sepultura dessa misera.

Julia — Salvae-me de qualquer modo! Salvae-me, sinhasinhas! Salvae-me!

B — Ahi vem gente.

A — E' papae.

B — E' madrinha.

A e B — Escondamos Julia.

(*Julia é escondida e apparece no fundo d. B nediecta*).

SCENA IV

A, B e d. Benedicta

D. Benedicta — A, onde está Julia?

A — Não a vi, mamãe.

D. Benedicta — Ella precisa ser castigada e o feitor não a descobre.

A (*indignada*) — Porque, mamãe?

D. Benedicta (*com emphase*) — Porque não fez o que se mandou.

A (*carinhosamente*) — Perdôae, mamãe. Perdôae Julia, sim?

D. Benedicta (*zangada*) — Temos candonga. Então queres intervir na administração da casa! Queres proteger vadias!

A (*meigamente*) — Julia não é vadia, mamãe.

D. Benedicta (*zangada*) — Precisa e será castigada.

B — Madrinha, tem pena de Julia.

D. Benedicta (*indignada*) — Queres tambem fazer côro, minha sonsinha? (*B, envergonhada, sae pelo fundo*).

SCENA V

A e d. Benedicta

A — Mamãe, não sejaes má! Perdoae Julia!

D. Benedicta — Não e não! Com certeza ella está por aqui escondida. Eu vou já chamar teu pae e elle que venha entender-se comtigo.

SCENA VI

A, d. Benedicta e Julia

Julia (*apparecendo*) — Não é preciso, sinhã: estou aqui.

D. Benedicta — Ah! Estás ahi! (*D. Benedicta corre para Julia e A a protege abraçando-a*).

A — Mamãe, podereis castigar-me mas não castigareis Julia.

D. Benedicta — Vou chamar teu pae

A — Seja tudo que Deus quizer!

(*D. Benedicta ouve o estoirar de foguetes e diz instinctivamente chegando á janella*).

D. Benedicta — Que é isto? Rojões, musica, festa na cidade?!

(*Entra pelo fundo B, sacudindo as mãos*).

SCENA VII

A, B, Julia e d. Benedicta

B (*contente*) — Está tudo salvo!

(*A e Julia separam-se e olham com espanto para B e d. Benedicta fica distrahida na janella*).

B — Está tudo salvo. Festeja-se na cidade a abolição da escravidão.

A (*satisfeitissima*) — Que me dizes, B?

B (*pulando de prazer*) — E' pura verdade.

A (*dirigindo-se á d. Benedicta*) — Mamãe, ainda é tempo de perdoardes Julia.

D. Benedicta — Porque dizes assim?

A — Porque já se festeja a abolição da escravidão.

D. Benedicta — Eu sou como S. Thomé: quero vêr para crer.

(*D. Benedicta sae pelo fundo*).

SCENA VIII

A, B e Julia

A — Abracemo-nos, minhas amigas. (*Julia fica no centro e uma de cada lado*).

A — Num amplexo fraternal, saudemos a data memoravel da liberdade. Eramos irmãs perante Deus: hoje somos eguaes perante a Lei.

FIM

Num album

Com um pequeno feixe de phrases devo occupar uma das paginas do teu *Album*.

Talvez me falleça auctoridade para me aprofundar em conceitos; mas, creio que a sinceridade, desconhecendo o beijo de profanação, será a inspiradora das linhas despreziosas que te dedico.

E's muito creança e já vaes terminar, no emtanto, os estudos de um curso profissional, em que te preparaste para a alevantada missão de educar as creancinhas e os ignorantes.

O papel da mestra, deante do estudantinho primario, tem um quê maternal; e é essa affeição materna que mais synthetisa o amor e realça a grandeza da alma humana, fazendo das penosas profissões verdadeiros apostolados.

Quem te serviria de vaqueano, nesta nossa sociedade, que é um mixtifundio de hypocrisias e preconceitos?

Adivinharás logo: é a *Vontade*.

A Vontade é terceira das grandes faculdades da alma; é a companheira inseparavel do pensamento e do sentimento.

E' a Vontade moral, essa força que aninhamos, num estado latente, nos penetraes do nosso *eu* e que, conforme o modo por que a exercitamos, nos redunda em honra ou opprobrio; nos desgraça ou felicita.

Quem nos orienta nos transes perigosos da vida, quando se nos depara, incommodo e exigente, o dilemma decisivo do Bem e do Mal?

E' Ella que nos restabelece a paz na consciencia, quando esta se bifurca em dois adversarios irreconciliaveis. Um ou outro succumbe na lucta.

Si suffocamos a Vontade, quando clama pelo Bem, nos mergulhamos no pelago profundo do erro, no abysmo insuperavel da perdição. Luz da intelligencia, bussola que dirige — é Ella o protesto do pensamento contra as decisões trahidoras do coração. E' a Vontade que nos ampara na quêda ou quando pelo sentimento, começamos a rolar pela ladeira da amargura, que nos conduz ao martyrio.

E' a Vontade que poderá fazer o vicioso regenerar-se, que poderá fazer o ladrão parar no seu caminho de crimes ou o homicida suspender o seu braço assassino. Não é o destino que gera os desgraçados. A Vontade é cêga na pessoa apaixonada; instinctiva na creança e reflectida na pessoa cordata. Sómente somos aquillo que queremos ser. Queremos precisamente o que cor-

responde ás nossas ideias e nos apraz; aborrecemos naturalmente o que nos irrita a razão ou nos causa dôr.

O nosso organismo é um grande campo de lucta em que se decide muitas vezes a nossa felicidade ou a nossa desventura: é d'elle que pôde sabir muitas vezes amortalhada a nossa dignidade.

O triumpho habitual da Vontade sobre nossas ruins propensões é o que aos olhos do religioso, se chama — *Virtude*.

Ser virtuosa! Como é grandiloqua e nobre essa aspiração quasi que exclusivamente das mulheres!

Os malfeitos, que envergonham a especie humana, podem tornar-se virtuosos.

A virtude, amiga, é a saúde da alma conservada pela innocencia ou pelo arrependimento.

Nós podemos succumbir provando assim a nossa fragilidade; mas, erigendo-nos da quêda, provamos a nossa virtude.

A. DE C.

ENSINO CIVICO-LITERARIO



O descobrimento do Brasil (*)

I

Essa grande gloria do descobrimento do vasto torrão brasileiro coube a um almirante portuguez, que se chamava Pedro Alvares Cabral.

Uns dizem que este importante facto foi um acaso; outros o attribuem ao genio emprehendedor do almirante.

Seja como fôr; mas o facto do descobrimento é este.

Os portuguezes, naquella época, tinham descoberto varias ilhas.

Vasco da Gama, depois de muito trabalho, conseguiu descobrir o caminho das Indias, passando assim pelo cabo das Tormentas.

E, como a India possuia muitas riquezas, diversos povos tractaram de invadil-a.

D. Manoel — o venturoso — que nesse tempo era rei de Portugal,

(*) O primeiro trabalho e o segundo são de alumnos do curso preliminar.

mandou preparar uma esquadra que foi em boa hora confiada ao almirante portuguez Pedro Alvares Cabral, afim de que elle tomasse conta das Indias.

A 9 de março, Cabral ouviu missa em companhia de el-rei e, em presença do mesmo, deixando as aguas do Tejo, seguiu para as Indias.

O valente almirante, para evitar as calmarias das costas africanas, afastou-se tanto da rota traçada logo que se viu em alto mar.

E, como elle desejava verificar si, adeante das terras descobertas por Colombo, existia um continente, tomou rumo do occidente.

A 21 de abril de 1500, Cabral viu paus boiando na superficie dagua e viu passaros voando.

No seguinte dia, Cabral avistou o cume de um monte, ao qual deu o nome de Monte Paschoal, por se estar no oitavario da Paschoa. isto é, no domingo da Paschoela e tambem lobrigou um negrume, uma sombra que parecia a costa de uma grande terra.

A 24 de abril, o nosso almirante, abrigou os navios em um porto a que chamaram Porto Seguro.

Estava descoberta a nossa cara Terra.

Cabral tomou posse da nova terra para a corôa de Portugal.

A principio Cabral pensou que a terra descoberta fosse uma grande ilha e, por isso, deu-lhe o nome de ilha de Vera-Cruz; mais tarde, verificando seu engano, mudou este nome para o de terra de Sancta Cruz.

E, finalmente, este nome foi mudado para o de Brasil.

O nome Brasil derivou-se da grande quantidade de *pau-brasil* que na terra havia.

A 26 do mesmo mez, o capellão frei Henrique de Coimbra celebrou uma missa em um ilheo de Porto Seguro.

Mais tarde Cabral mandou levantar uma cruz de madeira e nella cravar o symbolo ou as armas de Portugal.

Ao lado dessa cruz foi armado um altar, onde a 1.º de maio o mes-

mo capellão celebrou a primeira missa em terra firme.

No dia 2 de maio, Cabral mandou que André Gonçalves levasse a noticia do descobrimento a el-rei d. Manoel e elle seguiu para as Indias, afim de cumprir seu dever.

E, como todas as datas importantes têm um dia especial em que são festejadas, adoptamos o 3 de maio para isso.

ISABEL BUENO.

II

O descobrimento do Brazil foi o maior facto geographico que se passou no principio do seculo XVI.

Era rei de Portugal nesse tempo d. Manoel I — o venturoso.

Esse monarcha tinha o appellido de—d. Manoel, o venturoso—por ser no seu reinado que se deram muitos acontecimentos geographicos.

D. Manoel era primeiro porque foi elle o primeiro rei de Portugal com esse nome.

Portugal tinha diversas possessões no Oriente sendo a India a mais importante.

D. Manoel quiz attrahir o commercio da India para sua Patria e espalhar lá a fé christã.

O rei de Portugal mandou arranjar uma expedição para esse fim.

Essa expedição se compunha de treze embarcações sendo dez caravelas e trez navios redondos.

Essas embarcações levavam mil e duzentos a mil e quinhentos soldados.

Não levavam apenas soldados: levavam tambem padres, capuchos, capellães e um vigario.

Os antigos escreviam Pedralvares Cabral e não Pedro Alvares Cabral como se escreve hoje.

Foi escolhido, para commandante da armada, Pedro Alvares Cabral.

Os expedicionarios se despediram com uma solemne missa e depois ouviram um sermão; isto no dia 8 de março de 1500.

Depois da festa religiosa seguiram em solemne procissão até ao caes; mas não zarparam no mesmo dia por causa dum forte temporal.

Os navios depois do embarque salvaram com enthusiasmo.

O povo de Lisbôa nunca tinha assistido a uma festa tão grande como essa.

A Historia nada diz sobre os commandantes dos navios.

O substituto de Cabral era Sancho de Thoar.

Não chegaram todos os navios ao Oriente.

Um navio do commando de Athayde separou-se da frota voltando para Portugal.

A frota não levava nenhum padrão porque não ia fazer descobertas.

Cabral recebeu ordens de d. Manoel para se afastar da costa da Guiné porque havia muita calmaria nessas paragens.

As calmarias ou falta de vento eram morosas e doentias.

Nessa latitude Cabral foi impellido para o occidente por correntes oceanicas que não conhecia.

No dia 21 de abril elle viu os primeiros signaes de terra, sendo

folhas boiando e passaros voando.

No dia 22 elle avistou o cabeço de um monte e um negrume ao longe que parecia ser o littoral duma grande terra.

Depois de reunir os navios, Cabral deu o nome á elevação de monte Paschoal, e á terra Ilha de Vera Cruz que depois foi mudado para o de Santa Cruz.

Esse paiz era habitado por selvagens desconhecidos.

A feição delles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos, bons narizes, bem feitos; andavam nus sem nenhuma cobertura.

Cabral depois de se demorar cinco dias no paiz recém-descoberto mandou avizar a d. Manoel, por André Gonçalves, que tinha descoberto um paiz novo e seguiu depois para as Indias.

O Brazil foi descoberto por um simples acaso.

ANNIBAL GONÇALVES.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

A séde da Associação do Professorado Publico do Estado é á rua de Sancta Thereza, n. 28.

Funciona, nos dias uteis, das 6 horas da tarde ás 9 da noite.

Toda a correspondencia social deve ser enviada para a caixa postal, n. 183.

O presidente da Associação, sr. Arthur Breves, reside á rua Barão de Tatuhy, n. 3; o thesoureiro, sr. Izidro Denser, á rua Vergueiro, n. 110; o 1.º secretario, sr. Augusto Ribeiro de Carvalho, á rua Barra-Funda, n. 43; o procurador, sr. José Theodoro Xavier Sobrinho, á rua Conselheiro Ramalho, n. 174-C. São encontrados diariamente na séde social.

— A mordôma do mez de agosto, que é d. Maria Soares de Araujo, reside á Travessa da Gloria, n. 12; a do mez de setembro, d. Guiomar Torrezão, é residente á rua da Tatabinguera, n. 33; a do mez de outubro, d. Maria da Conceição Alvarenga, reside á rua do Carmo, n. 32; a do mez de novembro, é d. Alice Silvina Avila de Macedo, residente á rua da Liberdade, n. 86; a do mez de dezembro, d. Catharina Ceslau de Moura, reside á rua das Flores, n. 28.

O thesoureiro é encontrado na séde social todos os dias uteis, das 7 ás 8 horas da noite.

Nos termos do artigo 79 dos Estatutos, a REVISTA DE ENSINO é pu-

blicada sob a responsabilidade da Directoria, sendo, porém, o presidente da ASSOCIAÇÃO seu editôr responsável.

O redactor-secretario daquelle organ, nos termos do § unico do citado artigo, é o sr. professôr Augusto Ribeiro de Carvalho, a quem deverá ser dirigida toda a correspondencia relativa áquella publicação.

Os preços de assignaturas da REVISTA DE ENSINO são os seguintes:

Anno	10\$000
Semestre	5\$000
Numero avulso	2\$000

De acôrdo com o § 3.º do artigo 12 dos Estatutos vigentes, todos os socios quites são considerados assignantes da REVISTA DE ENSINO, sem retribuição alguma.

Os associados pôdem, sempre que quizerem, obter a REVISTA DE ENSINO, com um abatimento de 50 % sobre os preços estipulados para as assignaturas.

A ASSOCIAÇÃO não possui mais caixa de emprestimo. Esta, não tendo dado os resultados que as directorias anteriores tinham em vista, foi fechada pela ASSEMBLEIA GERAL, em sua sessão de 31 de janeiro findo.

A directoria auxilia com dinheiro, independente de juros, tirado da *Caixa de Auxilio Condiciona*l, aos associados quites, que estejam nas seguintes condições:

1)—que tiverem direito a auxilio definitivo, nos termos dos Estatutos e delle não queiram utilizar-se;

2)—que se removam de uma para outra localidade;

3)—que entrarem para o magisterio e que, por isso, precisem de auxilio pecuniario para a sua primeira collocação;

4)—que, não estando nos casos acima, estejam, todavia, em *condições especialissimas*, a juizo da directoria.

Fôra destes casos, nenhuma quantia, por menor que seja, sahirá da caixa social, a titulo de emprestimo.

O associado, acceito para ser inscripto definitivamente no quadro social, deverá, dentro de 30 dias, pagar adeantadamente uma das tres prestações seguintes, á sua escolha:

1)—11\$000, sendo 5\$000 da terça parte da joia, 3\$000 de diploma e 3\$000 da 1.ª mensalidade;

2)—16\$000, sendo 10\$000 de duas terças partes da joia, 3\$000 de diploma e 3\$000 da 1.ª mensalidade;

3)—21\$000, sendo 15\$000 de toda a joia, 3\$000 de diploma e 3\$000 da 1.ª mensalidade.

Os associados quites, relativamente ás suas mensalidades, têm direito, de conformidade com o artigo 12, § 2.º, de utilizar-se dos serviços do procurador social, *independente de qualquer remuneração pecuniaria*, para recebimento de seus vencimentos e mais negocios relativos ao cargo, *mas tão sómente negocios relativos ao cargo*, que elle exerce.

A Assembleia Geral, em sessão de 14 do corrente, approvou as seguintes medidas regulamentando os auxilios, nos casos das letras do artigo 21.

Os auxilios, nos casos das letras deste art., serão concedidos do modo seguinte, durante 3 mezes: em caso de molestia em pessoa do associado: 20\$000 aos que tiverem contribuido durante 3 mezes; 30\$000

os que tiverem contribuido durante 6 mezes; 40\$000 aos que tiverem contribuido durante 9 mezes; 50\$000 aos que tiverem contribuido durante 12 mezes; 60\$000 aos que tiverem contribuido durante 15 mezes; e assim por diante, crescendo sempre 10\$000 por 3 mezes, até 36 mezes.

Os socios, que tiverem contribuido por mais 3 annos, terão direito ao auxilio de 150\$000.

No caso da letra — *b* — desse mesmo artigo, os auxilios serão a metade das quantias acima estabelecidas, sendo indispensavel que haja economia commum entre o socio e o enfermo.

Tractando-se da letra — *e* — o auxilio será de 200\$000 no caso de fallecimento do socio e de 100\$000 para fallecimento de pessoa da sua familia, com as restricções precedentes, isto é, economia commum.

Nos casos da letra — *d* — o auxilio será de 20\$000 para os socios que o sejam de 3 a 12 mezes; de 25\$000 para os que fôrem de mais de 12 mezes até 24 mezes; de 30\$000 para os que o fôrem de mais de 24 mezes até 36 mezes; e de 40\$000 aos que tiverem mais de 36 mezes.

Os auxilios, de que tracta o art. 24, serão concedidos de acôrdo com a letra — *d* — não, podendo, porém, exceder de 30\$000.

O socio, que tiver recebido a totalidade de qualquer dos auxilios facultados pelos Estatutos, só poderá receber novo auxilio contando-se o seu tempo de associado a partir do ultimo auxilio recebido.

O socio, que receber parte de qualquer dos auxilios estabelecidos, poderá, quando necessite, receber a parte faltante.

Sempre que houver repetição de pedido de auxilio por um mesmo associado, o seu tempo de associado será contado do ultimo auxilio recebido.

A directoria da Associação, afim de evitar reclamações relativamente á correspondencia, pede aos srs. associados o obsequio de participarem ao secretario sempre que transferirem a sua residencia.

POSTOS MEDICOS

1)—DR. CARLOS MEYER. — E' encontrado na sua residencia, á rua Sebastião Pereira, n. 72, até as 9 horas da manhã. Dá consultas gratuitas aos associados e faz visitas diurnas ás suas respectivas familias na Capital, pelo preço de 5\$000. Também se promptifica a fazer, gratuitamente, analyses em escarros, catarros e outras substancias, para elucidação de diagnosticos clinicos.

2)—DR. ALVARO DE OLIVEIRA RIBEIRO. — Dá consultas gratuitas aos associados. Consultorio e residencia — rua Victoria, n. 158, Pharmacia da Fé.

3)—DR. ROBERTO GOMES CALDAS. — Dá consultas nas mesmas condições do dr. Meyer. Consultorio — rua de S. Bento, n. 38; residencia — rua Major Quedinho, n. 5.

4)—DR. FABRICIO VAMPRE. — Dá consultas gratuitas aos associados e ás suas familias. Residencia — alameda Barão de Piracicaba, n. 3; consultorio — rua Marechal Deodoro n. 1.

5)—DR. LYCURGO PEREIRA. — Presta seus serviços clinicos, nas seguintes condições:

visitas	5\$000,
consultas aos associados . . .	gratis,
consultas ás pessoas das familias dos associados . . .	3\$000.

Consultorio — rua de Santa Thereza, n. 9.

6)—DR. N. SOARES DO COUTO. — Presta seus serviços clinicos aos associados, nas seguintes condições:

visitas nos domicilios	5\$000,
consultas	3\$000.

Residencia e consultorio — rua Duque de Caxias, n. 22.

DENTISTAS

1)—JAYME TEIXEIRA, cirurgião dentista. Presta seus serviços profissionais aos associados e ás suas familias, por preços módicos.

Gabinete e residencia — rua General Jardim, n. 63.

2)—MARIO LAS CASAS. — Presta seus serviços profissionais, também por preços módicos.

Gabinete — largo de S. Bento, n. 12.

OBSERVAÇÃO. — Os srs. associados devem tractar, préviamente, os preços relativos aos trabalhos da arte dentaria, afim de serem evitadas reclamações possiveis.

PHARMACIAS

Fornecem medicamentos aos associados, com abatimento de 20 %.

1)—PHARMACIA DE SANCTA THEREZA, de Ignacio Puiggari, á rua de Sancta Thereza, n. 9.

2)—PHARMACIA E DROGARIA, de João dos Santos & Comp., á rua de S. Bento, n. 66.

3)—PHARMACIA ASSIS, de C. de Assis Ribeiro, á rua 15 de Novembro, n. 1.

4)—PHARMACIA RODRIGUES, de d. Altina Rodrigues, Largo do Jardim, n. 32.

Secretaria da Associação Beneficente do Professorado Publico, em 1.º de maio de 1906.

O 2.º secretario,

DEMOSTHENES F. MARQUES.

NOTICIARIO

«Revista de Ensino».

A redacção pede aos srs. assignantes e associados que se dignem reclamar os numeros da «Revista» que lhes não fôrem enviados.

Publicações.

Recebemos as seguintes, cuja remessa agradecemos:

- *La Escuela Practica*, revista pedagogica mensal, da Republica Argentina;
- *El Monitor de la Educacion Cómún*, organo do Conselho Nacional de Educação, da Republica Argentina;
- *La Enseñanza Primaria*, do México;
- *A Palavra*, de Camócim, Estado do Ceará;
- *Revista de Ensino*, de Fortaleza, Estado de Ceará;
- *Tribuna de Petropolis*, Petropolis, Estado do Rio de Janeiro;
- *O Isabelense*, de Sancta Isabel do Rio Preto, Estado do Rio de Janeiro;
- *O Monitor Sul-Mineiro*, de Campanha, Estado de Minas Geraes;
- *O Passageiro*, de Tres Corações do Rio Verde, Estado de Minas Geraes;
- *O Resistente*, de S. João d'El-Rei, Estado de Minas Geraes;
- *Gazeta de Ubá*, do Estado de Minas Geraes;
- *Gazeta de Ouro Fino*, do Estado de Minas Geraes;
- *Araguary*, de Araguay, Estado de Minas Geraes;
- *Commercio*, de S. João Nepomuceno, Estado de Minas Geraes;
- *A Voz do Povo*, de Poços de Caldas, Estado de Minas Geraes;

- *O Juvenil*, de Bom Sucesso, Estado de Minas Geraes;
- *O Guarará*, de Espirito Sancto de Guarará, Estado de Minas Geraes;
- *Gazeta Clinica*, de S. Paulo;
- *Boletim*, da Repartição de estatistica demographo-sanitaria do Estado de S. Paulo;
- *Germania*, organo da colonia allemã de S. Paulo;
- *O Rebate*, de S. Paulo;
- *A Cidade de Campinas*, de Campinas;
- *O Mundo Occulto*, de Campinas;
- *A Folha*, de Jundiáhy;
- *O Jundiáhyense*, de Jundiáhy;
- *Correio do Norte*, de Guaratinguetá;
- *Educação Nacional*, do Porto;
- *O Trabalho*, do Pará;
- *Diario Official*, do Maranhão;
- *Ad Lucem*, revista litero-cientifica, da Bahia;
- *Boletim*, da Secretaria de Agricultura, Viação, Industria e Obras Publicas, da Bahia;
- *Cidade de Bragança*, de Bragança;
- *Tribuna do Norte*, de Pindamonhangaba;
- *A Imprensa*, de Araraquara;
- *Gazeta de S. Carlos*, de S. Carlos do Pinhal;
- *Correio de S. Carlos*, de S. Carlos do Pinhal;
- *Tribuna do Povo*, de Araras;
- *Correio de Botucatu*, de Botucatu;
- *Folha da Aparecida* e o *Mensageiro da Aparecida*, da Aparecida;
- *Republica*, de Ytú;
- *A Comarca*, de Mogy-mirim;
- *O Mogyano*, de Mogy-mirim;
- *Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba;

— 15 de Novembro, de Sorocaba;
 — *Gazeta de Jacarehy*, de Jacarehy;
 — *A Republica e A Gazeta do Pinhal*, de Espirito Sancto do Pinhal;
 — *Cidade de São João*, de S. João da Boa Vista;
 — *A Cidade e o Correio Palmeirense*, de Palmeiras;
 — *A Cidade de Faxina e O Tempo*, de Faxina;
 — *O Municipio*, de Lorena;
 — *O Municipio*, de Pirassunga;
 — *A Cidade*, de Dous Corregos;
 — *O Municipio*, de São Manoel do Paraizo;
 — *A Imprensa*, de São Manoel do Paraizo;
 — *Gazeta de Capivary*, de Capivary;
 — *O Cartel*, de Batataes;
 — *Correio Brotense*, de Brotas;
 — *Cravinhos*, de Cravinhos;
 — *O Tieté*, de Tieté;
 — *Correio do Sertão*, de Avaré;
 — *Imparcial*, de Sertãozinho;
 — *Gazeta de Annapolis*, de Annapolis;
 — *O Mineirense*, de Mineiros;
 — *São João da Bocaina*, de S. João da Bocaina;
 — *O Porvir*, de São José do Rio Preto;
 — *O Correio do Interior*, de Ribeirãozinho;
 — *A Vera Cruz*, do «Gremio Literario Recreativo», de Casa Branca;
 — *A Escola*, do «Gremio dos Professores Publicos», do Estado do Paraná;
 — *Revista Annual*, do «Centro Caixeiral», de S. Luiz do Maranhão;
 — *Revista Polytechnica*, do «Gremio Polytechnico», da Capital;
 — *O Proletario*, de S. José do Rio Pardo;
 — *O Bandeirante*, de Mogy-guaçu;
 — *O Escolar*, de Porto Ferreira;
 — *O Rio Pardo*, de S. José do Rio Pardo;
 — *O Taquaryense*, de Taquary, Estado do Rio Grande do Sul;
 — *O Paraisense*, de S. Sebastião do Paraizo, Estado de Minas Geraes;
 — *Revista Escolar*, de Fortaleza, Estado do Ceará;

— *Revista Didactica*, do Rio de Janeiro;
 — *Revista Militar*, do Estado Maior do Exercito, Rio de Janeiro;
 — *Revista de Educacion*, de Buenos Aires, Republica Argentina;
 — *A Verdade e Luz*, da Capital;
 — *A Nova Cruz*, da Capital.
 — *Oitenta e Nove*, de Baturité, Estado do Ceará

O que dizem de nós.

Muito nos desvanecem as fidalgas cortezias dos nossos confrades da imprensa.

Servem-nos de estímulo para novas luctas: agradecidos.

Temos sobre a mesa a bella publicação bimestral correspondente ao mez de março e que é organ da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo.

O presente numero é um primor pela variedade de assumptos.

Estampa o retracto do professor dr. João Köpke e traz notas biographicas do manifestado.

D'O *Imparcial*, de Sertãozinho.

— O n. 5 da excellente *Revista de Ensino*, organ da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, trazendo um bom retracto do professor dr. João Köpke.

O summario é o seguinte:

De quem a culpa? — Pantheon pedagogico: O professor dr. João Köpke, de Rangel Pestana. — Questões geraes: Ensino integral, de A. B. — Pedagogia pratica: Notas de portuguez, de Luiz Cardoso. — Electricidade, de A. — Paginas civicas, de A. R. de C. — Diversos: Discurso do dr. Dino Bueno, do *Estado de São Paulo*; A dissonancia, do professor L. Chiaffarelli. — Literatura: Dezesete de Agosto, de A. R.; O livro, de A. R. de C. — Ensino civico-literario: Tiradentes, de Roberto Gonçalves e José Vieira Macedo. — Pela imprensa estrangeira: Escolas maternas, de *The Practical Teacher*; — Movimento associativo. — Noticias. — Annuncios.

Do *Correio Paulistano*.

Já nos fazia saudades, e muita, a nossa importantissima collega — *Revista de Ensino* — organ da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, pois ha muito não nos visitava.

Felizmente nos chega ás mãos o n. 5 do IV anno, que está um primor.

Um summario supimpa e um bello retracto do illustre educacionista Dr. João Köpke e um outro do protomartyr da Republica — o Tiradentes, acompanhado de dois pequenos, porém, bem elaborados artigos.

Dentre os bons artigos de que se compõe o presente numero, bastante nos agradou o intitulado — *Fórmas de governo* — que com a devida venia da collega, em tempo passaremos para nossas modestas columnas.

A' *Revista* nossos cumprimentos e agradecimentos.

D'O *Guarará*, da Villa do Espirito Sancto de Guarará, Minas.

Temos sobre a mesa o n. 5 do Anno IV daquelle organ da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo.

E' o seguinte o summario do presente numero: *De quem a culpa?* O Professor Dr. João Köpke, *Notas de Portuguez. Electricidade, Paginas civicas, Discurso do Dr. Dino Bueno, A dissonancia*, conferencia do Prof. Chiaffarelli, *Dezesete de Agosto, O livro, Tiradentes, Escolas Maternas*, Movimento associativo, Noticiario e Annuncios.

Cumprimentando a illustre collega, rogamos-lhe que não deixe de sempre trazer as suas luzes á nossa modesta officina.

Do *Cravinhos*, da Villa de Cravinhos.

O brilhante organ da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo vem, como os numeros anteriores, cheio de substanciosos artigos de real interesse á nobre classe á que se dedica e á instrucção publica em geral.

Da *Cidade de Bragança*.

Temos sobre a nossa mesa de trabalho o n. 5, anno IV, correspondente ao mez de março deste anno, da apreciada *Revista de Ensino*, organ da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, que tão bons serviços tem prestado ao ensino publico primario e aos infatigaveis e laboriosos professores publicos.

O presente n., que, como sempre, está bem feito, nitidamente impresso e rico de bons e substanciosos artigos, traz ainda o retracto do professor dr. João Köpke, e ligeiros traços biographicos do emerito educador.

Da *Gazeta de Jacarehy*.

Não desmente os invejaveis creditos de que gosa aqui e alhures.

Da *Tribuna de Petropolis*.

O ultimo numero como os demais, traz um summario bem desenvolvido e grande somma de artigos de grande utilidade para o progresso da pedagogia, justificando assim o renome que esta revista justa e merecidamente tem grangeado na evolução de ensino preliminar no nosso Estado.

Do *Correio do Sertão*, Avaré.

O n. 5, correspondente ao mez de março, do anno IV, da brilhante publicação da Capital, honra da imprensa do Brasil, *Revista de Ensino*, organ da Associação Beneficente do Professorado Publico, que relevantes serviços ha prestado á instrucção, qualificada uma das melhores publicações congeneres, neste querido Paiz.

Das suas 46 paginas destacam-se dois nitidos clichés, um do provento educador, professor João Köpke, e outro do martyr da liberdade, José Joaquim da Silva Xavier, o *Tiradentes*, victima do furor da rainha Maria I, a louca.

Summario:

De quem a culpa? — *Pantheon Pedagogico*: O professor dr. João Köpke, de Rangel Pestana; — *Questões*

Geraes: Ensino integral, de A. B. — Pedagogia Pratica: Notas de Portu-guez, de Luiz Cardoso; Electricidade, de A.; Paginas cívicas, de A. R. de C.; — Diversos: Discurso do dr. Dino Bueno, do Estado de S. Paulo; A dissonancia, do prof. L. Chiapparelli; — Literatura: Dezesete de Agosto, de A. R.; O livro, de A. R. de C.; — Ensino civico-literario: Tiradentes, de Roberto Gonçalves e José Vieira Macedo; — Pela Imprensa estrangeira: Escolas maternas, de The Practical Teacher; — Movimento associativo; — Noticiario; — Anuncios.

Da *Comarca*, de Mogy-mirim.

Chegou-nos ás mãos pela primeira vez, a bella revista bi-mestral, organ da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

Repleto de sensata e criteriosa collaboração, o presente numero, 5.º do anno IV, presta homenagem ao illustre professor dr. João Köpke, estampando-lhe fino retracto, acompanhado de minuciosa biographia.

Agradecidos.

Da *Cidade de S. Paulo*.

Recebemos pela 1.ª vez a *Revista de Ensino*, organ da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

O presente numero traz o retracto do illustrado educador Dr. João Köpke, que actualmente reside no Rio de Janeiro.

Da *Gazeta do Pinhal*, do Espirito Sancto do Pinhal.

Recebemos o n. 5 do anno IV desta apreciada revista da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo.

Gratos.

Da *Cidade de Palmeira*.

Pela primeira vez recebemos o n. 5 da importante «*Revista de Ensino*», Organ da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

O numero que temos á vista traz um variado summario contendo importantes questões sobre pedagogia e literatura.

Do *Commercio*, de S. João Nepomuceno, Minas.

Abrilhanta a nossa mesa de trabalho o fasciculo 5.º do anno IV, da apreciada *Revista de Ensino*, organ da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

Além de primorosos trabalhos scientificos e pedagogicos, estampa a utilissima publicação paulistana magnifico retracto do Sr. João Köpke, notavel professor, residente no Rio de Janeiro.

A *Voz do Povo*, de Poços de Caldas, Minas.

Publicação bi-mestral, da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo. O ultimo numero traz, como sempre, bons escriptos sobre o ensino.

D'O *Mensageiro*, de Aparecida.

Recebemos o n. 5 dessa excellente e conceituadissima *Revista*, organ da Associação Beneficente do professorado publico deste Estado.

Além de instructivos e variados artigos, estampa um bello retracto do dr. João Köpke.

O *Mineirense*, de Mineiros.

Outras gentilezas.

O *Monitor Sul Mineiro*, que se publica na cidade de Campanha, em Minas Geraes, passou para suas columnas editoriaes o artigo sobre—*Fôrmas de Governo*—do nosso redactor-secretario, sr. Augusto de Carvalho.

O mesmo promete fazer O *Guarará*, da Villa do Espirito Sancto de Guarará, em Minas Geraes, como se deprehe de da seguinte local:—«Dentre os bons artigos de que se compõe o presente numero bastante nos agradou o intitulado—*Fôrmas de Governo*—que, com a devida venia da collega, em tempo passare-

mos para nossas modestas columnas».

A *Revista de Ensino* se confessa summamente reconhecida.

Dados estatísticos sobre instrução pública primaria.

Funcionam, em todo Estado de S. Paulo, 70 grupos escolares com 24.298 alumnos e 986 escolas isoladas com 31.503. Eleva-se, portanto, ao bello total de 55.801 creanças a população, que frequenta os estabelecimentos publicos de instrução primaria. Mais lisongeiro seria, si a lei obrigasse, rigorosamente, aos paes a mandar os filhos para a escola, mórmente no interior do Estado.

Esse numero é 2% da população do nosso Estado, sendo esta calculada em 2.667.000 habitantes.

A matricula media, nos grupos, é de 43 alumnos por classe e, nas escolas isoladas, é de 32.

A despeza, nesse periodo, com os grupos, foi de 2.737.770\$000, sahindo cada alumno por 112\$500 ou por 98\$335, mensalmente.

Com as escolas isoladas, gastou o Estado 2.504.620\$000, avaliando-se a educação annual do alumno em 79\$489 ou em 6\$624, mensalmente.

Façamos, agora, uma comparação. Em 1898, quando foi instituida a Inspectoria de Ensino, havia 1.156 escolas providas, com 31.506 alumnos; o gasto mensal era de 12\$894 com a educação de cada creança e a verba geral era de 3.508.000\$000.

Havia 19 grupos escolares com 9.474 alumnos, sendo a despeza mensal de 10\$373 e a verba de 1.180.000\$000.

Verifica-se que, presentemente, não obstante a criação de escolas isoladas em todos os municipios, o Estado gasta 50% menos quanto aos grupos escolares e 1 1/8% menos, quanto ás ecolas isoladas. De todos os municipios, apenas um não tem escola provida, e isso mesmo por falta de candidato: é o de Conceição do Monte Alegre.

Na Capital, deve installar-se brevemente o grupo escolar da Mooca, elevando-se, por isso, a 15 o total de seus grupos, alem das 139 escolas isoladas e de dois cursos nocturnos.

Matricula dos Grupos Escolares

EM MAIO DE 1906

Conforme uma relação, que nos foi fornecida pela Inspectoria Geral do Ensino, acham-se matriculados, no mez de maio, nos diversos grupos escolares do Estado, 23.436 alumnos, sendo 12.995 meninos e 10.441 alumnas.

Eis, alphabeticamente, a relação detalhada, por localidades, da matricula masculina e feminina, bem como da frequencia media do mez.

N.º DE ORDEM	Localidades	Denominações	MATRICULA		FREQUENCIA MEDIA
			Masculina	Feminina	
1	Amparo	«Coronel Luiz Leite»	180	151	294
2	»	«Segundo Grupo»	152	100	200
3	Araras	«C.ª Justiniano de Oliveira»	152	100	200
4	Araraquara	«de Araraquara»	160	165	248
5	Atibaia	«de Atibaia»	172	164	232
6	Bananal	«Coronel Nogueira Cobra»	120	121	157
7	Belem do Descalvado	«Coronel Tobias»	161	146	265
8	Botucatu	«Dr. Cardoso de Almeida»	200	191	311

N.º DE ORDEM	Localidades	Denominações	MATRICULA		FREQUEN- CIA MEDIA
			Masculina	Feminina	
9	Bragança	«de Bragança»	168	169	296
10	Campinas	«Primeiro Grupo»	207	212	356
11	»	«Segundo Grupo»	180	175	285
12	Casa Branca	«Dr. Rubião Junior»	185	182	326
13	Capital	«da Alameda do Triumpho»	204	194	330
14	»	«da Bella Vista»	182	172	323
15	»	«da Barra Funda»	178	180	298
16	»	«Primeiro G. do Braz»	334	329	550
17	»	«Segundo G. do Braz»	195	153	261
18	»	«Terceiro G. do Braz»	167	208	319
19	»	«do Carmo»	223	206	368
20	»	«da Liberdade»	201	200	330
21	»	«Maria José»	194	196	332
22	»	«do Pary»	21	183	308
23	»	«Prudente de Moraes»	214	219	356
24	»	«Sancta Iphigenia»	104	194	239
25	»	«Sul da Sé»	159	162	273
26	»	«do Arouche»	207	207	341
27	Es. Sancto do Pinhal	«Dr. Almeida Vergueiro»	177	191	284
28	Faxina	«de Faxina»	147	128	203
29	Franca	«de Franca»	180	94	213
30	Guaratinguetá	«Dr. Flaminio Lessa»	160	192	301
31	Iguape	«de Iguape»	174	115	208
32	Itapetininga	«de Itapetininga»	142	180	318
33	Itapira	«Dr. Julio Mesquita»	184	173	313
34	Itatiba	«Coronel Julio Cezar»	166	135	238
35	Itú	«Dr. Cezario Motta»	232	149	329
36	Jaboticabal	«Coronel Vaz»	142	134	222
37	Jacarehy	«Coronel Carlos Porto»	159	163	190
38	Jahú	«de Jahu»	206	149	276
39	Jundiahy	«Coronel Siqueira Moraes»	179	169	296
40	»	«Conde de Parnahyba»	138	145	205
41	Leme	«Coronel Augusto Cezar»	163	121	243
42	Limeira	«C.º Flaminio Ferreira»	154	159	268
43	Lorena	«Gabriel Prestes»	205	198	312
44	Mococa	«da Mococa»	135	—	110
45	Mogy-mirim	«Coronel Venancio»	196	181	323
46	Mogy das Cruzes	«de Mogy das Cruzes»	155	144	214
47	Parahybuna	«Dr. Cerqueira Cezar»	142	94	115
48	Pindamonhangaba	«Dr. Alfredo Pujol»	154	116	220
49	Piracicaba	«Primeiro Grupo»	162	196	313
50	»	«Moraes Barros»	202	204	346
51	Pirajú	«de Pirajú»	169	158	264
52	Pirassununga	«de Pirassununga»	153	151	256
53	Ribeirão Preto	«Dr. Guimarães Junior»	192	179	225
54	Rio Claro	«Coronel Joaquim Salles»	191	185	315
55	Santos	«Dr. Cezario Bastos»	167	200	250
56	»	«Escola Barnabé»	178	208	312
57	S. Carlos do Pinhal	«de S. Carlos do Pinhal»	209	207	369
58	S. José dos Campos	«Olympio Catão»	165	180	246

N.º DE ORDEM	Localidades	Denominações	MATRICULA		FREQUEN- CIA MEDIA
			Masculina	Feminina	
59	S. João da Boa Vista	«de S. João da Boa Vista»	188	171	276
60	S. Luiz do Parahytinga	«C.º Domingues de Castro»	126	115	178
61	S. Manoel do Paraiso	«Dr. Augusto Reis»	166	186	274
62	S. Roque	«Dr. Bernardino de Campos»	198	204	335
63	S. Sebastião	«de S. Sebastião»	79	77	119
64	S. Simão	«de S. Simão»	119	119	190
65	Serra Negra	«de Serra Negra»	185	154	290
66	Sertãozinho	«de Sertãozinho»	135	142	231
67	Sorocaba	«Antonio Padilha»	176	199	292
68	Tatuhy	«de Tatuhy»	196	153	295
69	Taubaté	«Dr. Lopes Chaves»	192	157	276
70	Tieté	«de Tieté»	193	185	309

Si augmentassemos esta estatística com o total das creanças, que frequentam os estabelecimentos de ensino particular, laical, religioso e profissional — bem mais animadora seria ella.

Cumpra, agora, ao Governo do Estado, disseminar escolas por todas as localidades que o exigirem,

deixando de indeferir petições de professores *por falta de verba*. Forneça predio ás escolas publicas e tracte os professores, como o impõe a sancta e patriótica missão que desempenham na sociedade: verá, depois, como subido será o entusiasmo e como não mais se fecharão escolas por falta de frequencia.

Livro dos principiantes

O sr. Nestor Martins de Araujo, dedicado auxiliar da Inspectoria Geral do Ensino, tem no prelo um — livro dos principiantes — cuja approvação será certa e merecida, attendendo-se á competencia e ás habilitações do auctor.

ANNUNCIOS

OBRAS DIDACTICAS

DO

Dr. BENEVIDES

Licções de Historia da Civilização (2.^a) — 1 vol. cart. 5\$000; Licções de Historia do Brasil (1.^a edição) — 1 vol. cart. 3\$000 rs.; Resumo de Historia do Brasil (3.^a edição) — 1 vol. cart. rs. — Editores: N. Falcone & Comp. — A' venda, em todas as livrarias, em S. Paulo e na Capital Federal.

Apreciações da imprensa

Diario Popular — S. Paulo. « Do Dr. Sá e Benevides recebemos um exemplar das suas licções de Historia do Brasil. O auctor dividiu a sua obra historica em as seguintes partes: *Introducção*, que abrange os antecedentes historicos da descoberta do Brasil; *Tempos coloniaes*; a *Monarchia*, sob o 1.^o e o 2.^o imperio; e, finalmente, a *Republica* — de 15 de Novembro até á presidencia do eminente Dr. Prudente de Moraes. A parte primeira está minuciosamente tractada, relativamente ás proporções do volume; a época imperial foi apreciada com o brilho da comprehensão dos elementos intellectuaes e dos factores materiaes que propulsaram outro desenvolvimento nacional; a ultima parte é uma simples resenha de factos.

E' proprio de um livro elementar e serve para esclarecer os episodios de nossa vida nacional e as conquistas liberaes da opinião popular. »

Jornal do Commercio — Rio. « O Dr. Benevides organisou e publicou um volume « Licções de Historia da Civilização » (1.^a edição) para uso de seus alumnos. E' uma compilação clara, que serve perfeitamente aos fins a que a destinou o seu auctor. Como compendio elementar de Historia geral, é um dos melhores que possuímos. »

O Commercio de S. Paulo — « Licções de Historia da Civilização, organisadas pelo Dr. Benevides, lente da cadeira de Historia da Escola Normal. Seu auctor coordenou nesse trabalho a exposição dos mais notaveis historiadores, de modo a facilitar o estudo e melhorar as condições de habilitação dos seus alumnos. Pela rapida leitura que delle fizemos — podemos afirmar que vem prestar relevantes serviços ao magisterio publico e á educação nacional. »

A Gazeta de Piracicaba — « Tem o titulo de « Licções de Historia da Civilização » o livro recentemente escripto pelo Dr. Benevides, cujo recebimento já a *Gazeta* noticiou. Seu auctor presta com elle um significativo serviço áquelles que procuram nos bons livros um seguro elemento de preparo mental.



REVISTA DE ENSINO

Vendem-se collecções encadernadas da REVISTA DE ENSINO pelos preços seguintes:

Anno I	—	2 grossos volumes	20\$000
„ II	—	1 grosso volume	14\$000
„ III	—	1 „ „	14\$000



Licções de Instrucção Civica

Pelos Profs.

Arthur Breves e Jzidro Denſer

1 volume cartonado 3\$000



A' venda nas principaes livrarias



ENSINO MILITAR

Brevemente sahirá á luz um livro, contendo as licções publicadas na «Revista de Ensino», pelo prof. Augusto de Carvalho.

Será dividido nas seguintes partes: *escola de recruta sem arma; escola de recruta com arma; escola de companhia; escola de batalhão; toques de corneta relativos ao contexto do livro.*

SUMMARIO

Hymno Nacional, para canto.	PAGS.
DE QUEM A CULPA?	833
QUESTÕES GERAES	
O PROGRAMMA NOS GRUPOS ESCOLARES, de A. B.	835
PEDAGOGIA PRATICA	
NOTAS DE PORTUGUEZ, de Luiz Cardoso.	838
ELECTRICIDADE, de A. de C.	840
JOÃO RAMALHO, de J. F. Marcondes Domingues.	843
UMA LICÇÃO DE CALLIGRAPHIA, de Ottonio V. Camargo.	844
PAGINAS CIVICAS, de A. R. de C.	846
DIVERSOS	
NOTAS PEDAGOGICAS, DE P. P., d' <i>O Estado de S. Paulo</i>	849
LITERATURA	
UM QUADRO DA ESCRAVIDÃO, de Carlos A. Gomes Cardim.	853
NUM ALBUM, de A. de C.	855
ENSINO CIVICO-LITERARIO	
O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL, de Isabel Bueno e Annibal Gonçalves.	857
MOVIMENTO ASSOCIATIVO	860
NOTICIARIO.	863
ANNUNCIOS.	
